



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDICISCIPLINARES

IRAYLDO PEREIRA BEZERRA

A FELICIDADE INTERNA BRUTA - (FIB) - E A AVALIAÇÃO DO BEM-
ESTAR EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE
MONTEIRO - PB

MONTEIRO - PB
2014

IRAYLDO PEREIRA BEZERRA

A FELICIDADE INTERNA BRUTA - (FIB) - E A AVALIAÇÃO DO BEM-
ESTAR E EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE
MONTEIRO - PB

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. (a) Msc. Marlene Macário de Oliveira.

MONTEIRO – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B533a Bezerra, Iraydo Pereira.

A FELICIDADE INTERNA BRUTA - (FIB) - e a avaliação do bem-estar em escolas do ensino médio no município de Monteiro - PB [manuscrito] : / Iraydo Pereira Bezerra. - 2013. 59 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2013.

"Orientação: Profa. Ma. Marlene Macario Monteiro de Oliveira, Departamento de Geografia".

1. Felicidade Interna Bruta (FIB) .2. Bem-Estar.3. Psicossocial. 4. Ensino Médio. I. Título.

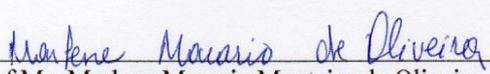
21. ed. CDD 370

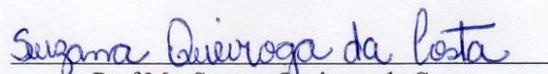
IRAYLDO PEREIRA BEZERRA

A FELICIDADE INTERNA BRUTA - (FIB) - E A AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR
EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE MONTEIRO - PB

Monografia apresentada ao curso de
Especialização Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da
Universidade Estadual da Paraíba, em
convênio com Escola de Serviço Público do
Estado da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
especialista.

Aprovado em 6 / 12 / 2014.


Prof.Ms. Marlene Macario Monteiro de Oliveira
Orientador


Prof.Ms. Suzana Queiroga da Costa
Examinadora


Prof. Ms. José Joelson Pimentel de Almeida
Examinador

Dedico esta monografia ao criador de todas as coisas Deus por toda fonte de inspiração e sabedoria: a minha mãe e a minha avó, que sempre me acompanharão.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Jesus por ele ter me encontrado e me dado forças para enfrentar o mundo;

A minha família.

Aos professores da instituição de ensino UEPB por enriquecer meus conhecimentos ao longo do curso;

As amizades sinceras construídas.

A professora orientadora Marlene Macário pela sua influência na realização deste trabalho;

A todos que direta ou indiretamente participaram do processo nesta especialização.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.”

Chico Xavier

RESUMO

Este trabalho consiste numa reflexão sobre as questões da felicidade interna bruta (FIB) onde já foi inicializado no ano 2012 na cidade de Arcoverde – PE, em defesa do meu tcc e dando continuidade no ano 2014 para defesa de pós-graduação no município de Monteiro – PB, onde teve varias modificações e atualizações com o intuito de atender as necessidades dos alunos e com isso melhorar o bem-estar e a educação, e de levar indicadores em virtude da necessidade de mudanças em relação às políticas publicas do bem social, pensando-se em se planejar um senso para analisar como o alunado estar se sentindo. A educação, nesse sentido, deve ser ressaltada como elemento para a transformação das sociedades, viabilizando o desenvolvimento de uma nova ética distinta, daquela norteadora de uma sociedade de consumo. A Educação pode ser trabalhada de forma integrada com a proposta do FIB, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais os quais servem como subsídios para a prática pedagógica. O questionário utilizado neste trabalho nas escolas seja ela publica ou privada tenta nortear parâmetros para saber como os alunos tem se sentido em relação a se mesmo, para que se possa ajuda também no coletivo que os cerca e tentar perceber que a felicidade é inerente por vezes no meio onde se encontrar utilizando um comparativo entre as escolas na pesquisa de campo. Programas como o FIB tem-se mostrado de fundamental importância tanto para população quanto para o poder público. Além de preservar e recuperar o meio ambiente, através da sustentabilidade a conscientização sobre a importância da corrente do bem para gerar empregos de maneira não só egoísta más de maneira fraternal, manter a cidade mais limpa e equilibrada em termos psicossocial e estimular a cidadania, visto que as pessoas passam a se preocupar com a idéia de se ter um ministério para a felicidade, resultando em um beneficio das comunidades e da nação em geral. Sendo assim é preciso trazer isso para a escola onde temos o berço da sociedade, foi obtido um resultado positivo e satisfatório onde pode ser visto nos gráficos.

Palavras-chaves: Felicidade Interna Bruta. Meio Ambiental. Bem-Estar. Psicossocial. Educação.

ABSTRACT

This work is a reflection on the issues of gross national happiness (GNH) which has already started in the year 2012 in the city of Arcoverde - PE in defense of my tcc and continuing in 2014 for defense graduate in the municipality of Monteiro - PB which had several modifications and upgrades in order to meet the needs of students and thereby improve the welfare and education, and lead indicators because of the need for change in relation to the social and public policy, thinking up in a sense if you plan to analyze how the student body be feeling. Education, in this sense, should be emphasized as an element for the transformation of societies, enabling the development of a new, distinct ethics that guides a consumer society. Education can be worked seamlessly with the proposal of the FIB, continuous and permanent at all levels and types of education, as set out in the National Curriculum Parameters which serve as inputs for pedagogical practice. The questionnaire used in this work in schools whether public or private attempts to guide parameters for how students have felt in relation to the same, so you can also help in the collective around them and try to understand that happiness is inherent sometimes in the middle where you find using a comparison between schools in the field research. Programs like FIB has proved of fundamental importance both for population and for the government. In addition to preserving and restoring the environment through sustainability awareness about the importance of current and to generate jobs not only selfishly bad brotherly way, keep the city cleaner and more balanced in terms psychosocial and foster citizenship, visa people start to worry about the idea of having a ministry for happiness, resulting in a benefit of communities and the nation in general. So you have to bring it to school where we have the cradle of society, a positive result was satisfactory and which can be seen in the graphs.

Keywords: Gross National Happiness: Environmental medium: Wellness: psychosocial: Education.

LISTA DE SIGLAS

AC	Estado do Acre
DF	Distrito Federal
EUA	Estados Unidos da America
FIB	Felicidade Interna Bruta
GO	Estado de Goiás
GNH	Felicidade Nacional Bruta. (Gross National Happiness)
GIH	Felicidade Internacional Bruta (Gross International Happiness)
HPI	Índice de Planeta Feliz. (Happy Planet Index)
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPN	Índice de Programa Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
ONG	Organização Não Governamental
OCDE	Organização Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PEA	População Economicamente Ativa
PE	Estado de Pernambuco
PV	Partido Verde
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RS	Rio Grande do Sul
SP	Estado de São Paulo
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
USP	Universidade de São Paulo
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 OBJETIVOS	10
1.2 GERAL.....	10
1.3 ESPECÍFICO.....	10
2 METODOLOGIA	11
3 HISTÓRICO DO FIB	11
3.1 COMO O FIB TEM SE DESENVOLVIDO NO BRASIL E NO MUNDO.....	11
3.2 ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PANORAMA GLOBAL.....	20
3.3 A FELICIDADE AGORA E ENCONTROS E RELATÓRIOS SOBRE O FIB.....	28
4 A BUSCA DA FELICIDADE	34
4.1 FELICIDADE NA VISÃO FILOSÓFICA.....	34
4.2 FELICIDADE E O MUNDO PÓS-MODERNO.....	37
4.3 FELICIDADE NA PSICANÁLISE.....	39
5 O PERCURSO DA PESQUISA NAS ESCOLAS JOSÉ LEITE DE SOUZA E ESCOLA LOURDINAS, MUNICÍPIO DE MONTEIRO – PB	44
5.1 A JUSTIFICATIVA.....	44
5.2 OS DADOS DAS ESCOLAS E DOS ALUNOS.....	45
5.3 A DEFINIÇÃO COMO CAMPO PARA A PESQUISA.....	47
6 SOBRE O RESULTADOS E DISCUSSÕES DO FIB NAS ESCOLAS PESQUISADAS	48
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	54
APÊNDICES A - Instrumento de Coleta de Dados	55
ANEXOS	56

1 INTRODUÇÃO

A temática Felicidade Interna Bruta (FIB) foi escolhida para a realização deste trabalho devido a inquietações já de longa data e despertada novamente durante o curso de Especialização em “Fundamentos da Educação” diante dos módulos ao longo do curso, onde hipóteses foram surgindo e pensadas. Como atender as necessidades dos alunos? E pensando em seu bem-estar e educação dentro e fora da sala de aula no seu dia-a-dia, o que levou a seguinte pesquisa e apresentar como trabalho final de conclusão de curso.

Sendo assim adentramos na linha de trabalho numero 5, “Teoria e Práticas de Pesquisa em Educação” do curso de especialização acima mencionado e FIB, dando pinceladas nas teorias, pois encontra-se pontos e sendo utilizado na metodologia no que consiste na educação do alunado e sua melhoria.

O FIB é um indicador sistêmico desenvolvido no Butão, pequeno país do Himalaia. Conceito que nasceu em 1972, elaborado pelo rei butanês JigmeSingyaWangchuck. Desde então, o reino de Butão, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), começou a colocar esse conceito em prática, e atraiu a atenção do resto do mundo, e a nossa também com sua nova fórmula para medir o progresso de uma comunidade ou nação, onde foi utilizado para avaliação do bem-estar e educação em escolas do ensino médio no Município de Monteiro - PB.

Novas formas de ensinar vem sendo debatidas no Brasil isso tem se ampliado, porém deve considerar outros aspectos além disso como desenvolvimento econômico, como é a conservação do meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas para alcançar o bem-estar social e a sustentabilidade ambiental, cultural, econômica e social.

A felicidade interna bruta, no Brasil e no mundo, tornou-se um tema amplamente debatido em todos os meios, em vista da crescente degradação ambiental existente atualmente pelo fato de que um ambiente em equilíbrio reflete na qualidade de vida dos seres humanos.

A escola pode ser difusora de conhecimentos e formadora de opiniões, deve abordar e apresentar meios simples e práticos para enfrentar os problemas da felicidade através do desenvolvimento de atividades que proporcionem reflexão, participação e, acima de tudo, comprometimento pessoal e mudança de atitudes para com a proteção a natureza. Sendo assim, as escolas cumprem um papel fundamental entre educador e educando.

Tal questão, embora conflitante, precisa ser tratada com seriedade que o caso merece, pois todos nós somos responsáveis pela preservação de todas as espécies que circunda o meio ambiente em que se viver e o seu bem-estar.

No mundo atual é freqüente o alto nível de tensão e insatisfação vivenciado pelos indivíduos, seja devido ao excesso de responsabilidades no trabalho, ou nas escolas ou em tarefas do cotidiano que a sociedade impõe. Em uma realidade onde predominam a competitividade, a necessidade de ganhar dinheiro e a constante modernização, a adaptação do ser humano torna-se fundamental por uma questão de sobrevivência. Sendo assim devemos orientar nossas crianças, pré-adolescentes, adolescentes, jovens e em fim o homem para analisar dentro da escola e fora tais comportamentos, para um melhor convívio.

O tempo está cada vez mais escasso, e com isso podemos perceber que sempre “falta tempo”. O homem da atualidade tem dedicado menos tempo à família, aos amigos, ao lazer, e assim ocupa a maior parte de seu tempo no trabalho, estamos virando uma sociedade de “workaholics” expressão que quer dizer viciado em trabalho. O que não é coerente com a educação, pois de um modo geral os genitores tem dado ao professor o julgo um pouco pesado ao não dividir parte da educação em casa com os seus filhos e com sigo mesmo.

Para termos uma vida mais equilibrada é importante aprendermos a administrar nosso tempo, priorizando as diversas atividades que precisamos e desejamos realizar, tomando providências e utilizando o tempo a nosso favor. “Uso Equilibrado do Tempo”. A fim de melhorar essa situação surge esse trabalho a felicidade interna bruta - FIB - avaliação do bem-estar em escolas do ensino médio no Município de Monteiro - PB

Uma proposta para se trabalhar as nove dimensões do FIB que é o bem-estar psicológico, uso do tempo, vitalidade da comunidade, cultural, saúde, educação, diversidade do meio ambiente, padrão de vida, governança. Com a finalidade de proporcionar aos alunos e a população informações sobre os graves problemas sociais que ela vem enfrentando no seu dia-a-dia. Este trabalho analisa a importância de se trabalhar a felicidade em escolas. Incentivando assim as pessoas os alunos a prática da humanização e para a redução de desperdícios de ordem matérias, e também um melhor equilíbrio do tempo em nosso dia-a-dia, em fim a busca continua da felicidade com responsabilidade e indicadores.

Para a realização deste trabalho, utilizou uma análise histórico onde se abordam a referida temática e a diversificação dos estudos para as atividades, onde pode se observa na pesquisa de campo através de questionário os resultados demonstrados pelos os alunos o que contribui na produção. O que se torna mias uma contribuição na educação do Cariri Paraibano e conseqüentemente para o Brasil e o mundo, e ao que se refere à educação e bem-estar dos alunos.

1.1 OBJETIVOS

1.2 GERAL

Analisar o bem-estar dos alunos do ensino médio com avaliação utilizando a Felicidade Interna Bruta (FIB) com seus indicadores como instrumento para o incentivo a uma melhor qualidade de vida dos alunos e da população.

1.3 ESPECÍFICOS

- **Bem-Estar** – avalia o grau de satisfação e de otimismo que cada indivíduo tem em relação a sua própria vida. Com indicadores incluem a prevalência de taxas de emoções positivas e negativas.
- **Educação** – medir a percepção dos alunos quanto à qualidade da capacidade de compreensão e do meio ambiente que o cerca.

2 METODOLOGIA

Foram aplicado questionário adaptado para um total de 122 alunos durante o mês de Julho e Agosto do ano de 2014, na Escola pública José Leite de Souza, participaram 61 alunos e na Escola particular Lourdinas, participaram 61 alunos ambas no município de Monteiro.

Para os alunos do Colégio Lourdinas as series foram do Ensino Médio 1º ano, 2º ano e 3º ano, onde o mesmo se realizou com o Colégio José Leite de Souza, na parte da manhã a escolha das series foi devido o fator idade e maturidade para responde o questionário com uma maior desenvoltura devido à idade dos mesmos, selecionei 61 alunos do colégio José Leite de Souza devido à quantidade total dos alunos que é de 461 e do Colégio Lourdinas selecionei 61 alunos devido à quantidade dos alunos que é de 61 para se ter um equilíbrio e para que a pesquisa tenha no mínimo 10% do total de alunos com isso se adequando as normas exigidas nos dias atuais para uma pesquisa fidedigna.

Para a elaboração da pesquisa foi proposto dividir entre as series escolhidas a quantidade de alunos que se encontrava nas mesmas somando um total de 61 no Colégio José Leite de Souza e de 61 no Colégio Lourdinas somando um total de 122, dando uma média de 20 alunos por turmas do 1º, 2º, e 3º ano.

Sendo assim foi possível traçar o perfil dos alunos onde atividades do FIB foram desenvolvidas, tratando de assuntos relacionados com o tema “Felicidade”, tais como bem-estar psicológico, uso do tempo, vitalidade da comunidade, cultural, saúde, educação, diversidade do meio ambiente, padrão de vida, governança.

3 HISTÓRICO DO FIB

3.1 COMO O FIB TEM SE DESENVOLVIDO NO BRASIL E NO MUNDO

A felicidade entrou no debate da Rio+20. A criação de uma alternativa ao PIB (produto interno bruto) capaz de medir o bem-estar dos países é “o assunto da hora”.

Segundo ANDREW (1992). A antropóloga e americana e coordenadora aqui do projeto e a pioneira, pois trouxe o FIB (Felicidade Interna Bruta), para o Brasil.

Da hora, mas não que seja novo: o conceito de um indicador baseado não só em crescimento econômico, mas em aspectos psicológicos, culturais, ambientais e espirituais foi criado em 1972 pelo então rei do Butão, país budista enfiado no Himalaia.

Segundo ANDREW (1992). Sob patrocínio da ONU (organização das nações unidas), o FIB butanês vem sendo recriado por um time de intelectuais, prêmios Nobel incluídos. O grupo fez um questionário que sonda padrão de vida, governança, educação, saúde, vitalidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, uso do tempo e bem-estar psicológico. No Brasil, o FIB é mais do que um indicador.

Segundo ANDREW (1992). “É um catalisador de mudança social que tem o potencial de unir poder público, empresas e cidadãos para a felicidade de todos. É pensamento sistêmico

na prática”, diz a antropóloga graduada em Harvard, que é também mestre em psicologia e sociologia. E monja.

A monja junta agora ao currículo o título de embaixadora do FIB no Brasil, país para o qual ela veio por ocasião da Eco-92 -e ficou.

Naquele ano, fundou o Parque Ecológico Visão Futuro em Porangaba, a duas horas de São Paulo. É uma das primeiras ecovilas do país. Tudo ali segue a filosofia de uso de recursos naturais pregada pelo mestre indiano PrabhatRainjanSarkar. Moram e trabalham naqueles 65 hectares de mata 55 pessoas. “Tivemos êxito até certo ponto em servir como um contramagneto para estancar a hemorragia de pessoas das áreas rurais às cidades, provendo emprego digno em uma economia que não danifica o planeta”, ela diz. O parque usa energia limpa, alimenta seus membros com agricultura orgânica, recicla seu lixo e parte da água do esgoto, oferece “educação holística” e mantém um centro de saúde ayurvédica. É um laboratório socioambiental, mas não se diz “sustentável”.

“A sustentabilidade só acontece se for aplicada simultaneamente em diversas áreas; é uma enorme tarefa.” É lá no Visão Futuro, com ajuda da Unicamp, que se desenvolve uma adaptação do questionário FIB. Já foram ministrados projetos-piloto em Angatuba, Itapetininga, Campinas (SP), Bento Gonçalves (RS) e Brasília (DF).

“Quando apresentado aos resultados do questionário, o público fica fascinado com essa análise do seu próprio bem-estar e isso gera não apenas discussões, mas ações. Em Itapetininga, a população colaborou para melhorar sua assistência médica; em Brasília, a comunidade de Rajadinha está engajada para melhorar o suprimento de água, limpando o rio local e instalando biodigestores”, conta. Mas e a aplicação do indicador em escala nacional, global?

Segundo MOON (2007). O secretário-geral da ONU (organização das nações unidas), ao abrir o último encontro sobre o tema, a conferência Rio+20 precisa gerar um “novo paradigma” que não dissocie bem-estar social, econômico e ambiental. Os três, para ele, definem a “felicidade global bruta”.

Susan Andrews acha que a introdução de indicadores mais sistêmicos já é um movimento mundial. “É parte do espírito do tempo.

Segundo LOES (2009). Porangaba, SP. Foi no alto de uma montanha da pequena cidade do interior de São Paulo que a palavra felicidade ganhou nome, sobrenome, corpo científico e até uma pessoa como ícone. O município, de pouco mais de oito mil habitantes e vocação rural, abriga a sede dos estudos sobre o indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB), que é hoje uma alternativa de medição de bem estar das pessoas tem o Parque Ecológico Visão Futuro. É numa casa em formato hexagonal — considerado mais orgânico —, dentro de uma ecovila, que mora a mulher considerada a papisa do FIB no Brasil. Susan Andrews encontrou seu lugar na pequena Porangaba, pôs-se a estudar a educação para a felicidade e tornou-se uma referência no assunto. Susan foi nomeada embaixadora do indicador no Brasil pelo primeiro-ministro do Butão, JigmeThinley, num encontro realizado, na sede das Nações Unidas em Nova York, chamado “Felicidade e Bem-Estar: Definindo um Novo Paradigma Econômico”. A reunião foi o principal sinal de que o indicador ganhou tom oficial na comunidade internacional e será ponto de debate na Rio+20. Estiveram presentes 700 representantes de governos, organizações religiosas, academia e sociedade civil de 80 países. Ali também foi eternizado um discurso do secretário da ONU, Ban Ki-Moon, ressaltando que o Produto Interno Bruto (PIB) é uma métrica que não leva em conta os custos sociais e ambientais do progresso.

Segundo ANDREW (1992). Ban Ki-Moon deixou claro que, para a própria ONU, o desenvolvimento sustentável está intrinsecamente ligado à felicidade e ao bem-estar.

Ban Ki-Moon assinalou também que a Rio+20 precisará gerar um desfecho que reflita esse conceito. O Brasil, juntamente com o Butão, está se tornando uma referência mundial nesse novo paradigma de bem estar para todos.

Foi em 2006 que a antropóloga participou, pela primeira vez, em Bangkok, na Tailândia, de um seminário sobre o FIB. Hoje, viaja o mundo em contato com os principais pesquisadores do assunto. Desde o primeiro contato por telefone para a entrevista, ficou claro que Susan tem consciência da responsabilidade que carrega por ter se tornado a referência do FIB no país. Ressabiada, ela quis entender exatamente de que se tratava a reportagem e foram necessárias pelo menos cinco ligações para alinhar o conceito do indicador e confirmar a ida da equipe à ecovila.

Ao contrário do que se poderia esperar diante de tanta resistência, no entanto, não foi uma figura sisuda que se apresentou para a entrevista. No lugar, um sorriso largo e um abraço caloroso dão o tom de uma Susan já aberta ao diálogo e a uma relação de confiança. Aí, entende-se: a americana se preocupa com a possível banalização que um tema tão importante possa adquirir com uma superexposição na mídia. Por isso, não aceita reduzir o assunto e se preocupa com a centralização do FIB em sua figura. Lembra o tempo todo que há uma equipe trabalhando com ela, e comemora o fato de governos internacionais, nacionais e empresas estarem interessados no movimento. Perguntada sobre os riscos que a banalização do tema pode trazer, ela aperta os olhos pequenos verdes e a boca, puxa o braço da repórter com calma, pensa antes de responder e garante: Temos que comemorar o fato de as pessoas estarem olhando para o bem estar e a felicidade. Acho muito difícil o FIB não ser discutido na Rio+20. É um dos assuntos cujo tempo chegou — disse Susan, em referência ao poeta Victor Hugo.

Assim como outros pesquisadores do mundo inteiro, Susan espera que a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que acontecerá entre 20 e 22 de junho na cidade, seja o momento de oficializar o tema na agenda global pela primeira vez.

Antes que se pense que o assunto é etéreo e restrito a monges budistas, vai logo o aviso: a felicidade de que estamos falando não tem cunho religioso, é analisada em nove dimensões e tem até fórmula. O índice ficou caracterizado por ter ganhado o mundo na esteira do Butão, reino budista encravado nos Himalaias. Mas hoje é utilizado em diferentes realidades.

Um dos maiores equívocos criados em torno do FIB é o de ser ele um artefato butanês, talvez criado por renunciantes nas cavernas nos Himalaias! O conceito original do FIB foi criado pelo rei do Butão, sim, mas foi aprofundado por um grupo internacional de intelectuais e pesquisadores ao longo das últimas décadas, sob o patrocínio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

Segundo ANDREW. O FIB é um indicador sistêmico que leva em conta questões subjetivas e é composto por nove dimensões: bom padrão de vida econômica, boa governança, educação de qualidade, boa saúde, vitalidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, uso equilibrado do tempo e bem estar psicológico.

Segundo LEOS (2009) Susan trabalha hoje na área de biopsicologia, dividindo-se em mil para dar conta de cursos que ocupam quase todos os finais de semana na ecovila que coordena, o Parque Ecológico Visão Futuro, e de demandas para palestras e encontros sobre o FIB, Educação e Saúde.

Às vésperas da Rio+20 e do Seminário Felicidade Interna Bruta, que acontecerá no Museu de Arte Moderna, no dia 19 de junho, um dia antes do início da conferência da ONU, Susan está mais conectada do que nunca. Embora viva no friozinho da montanha da ecovila, a duas horas da capital paulista, longe de qualquer barulho que se assemelhe a trânsito ou burburinho de rua, e longe até de televisão, a pesquisadora se mantém conectada pelo smartphone que a acompanha. Mas a placidez alcançada por meio da respiração profunda e de

várias outras técnicas da Ciência Hedônica — aqui esclarecida como ciência da felicidade e não do prazer apenas — não sai do rosto e o contato pessoal está sempre em primeiro lugar. As redes sociais também fazem parte de sua rotina: via internet, a antropóloga e biopsicóloga fica aberta ao resto do mundo.

O principal desafio agora tem sido mostrar a utilidade do FIB em cada realidade. Para os indivíduos, o recado é que para ser feliz não é necessário largar a vida na cidade e ir para uma ecovila. Já os governantes podem usar o FIB para descobrir se as necessidades básicas da população estão sendo atendidas e, assim, formular políticas públicas: Cada vez mais estudos estão revelando o impacto negativo da urbanização na nossa saúde mental. Além de engarrafamento, poluição e etc. É a chamada “solidão no meio da multidão”. Mas a Ciência Hedônica mostra que felicidade é uma competência que pode ser aprendida. As pessoas podem incorporar simples práticas nas suas rotinas diárias. Parte do nosso Processo FIB no Brasil é o programa Educação para a Felicidade, que ensina não somente adultos, mas também jovens e crianças a aumentarem sua energia positiva. A idéia é que, aliadas a políticas públicas que melhorem as condições externas de bem-estar, certamente podem aumentar a qualidade de vida das pessoas, mesmo nas mais densas metrópoles.

Silêncio, frio, cheiro de mato. E o coração acalma. Os cerca de 20 minutos de estrada de chão que separam o frenesi da rodovia paulista Castelo Branco da Ecovila Visão Futuro não são suficientes para desacelerar a respiração e entrar no clima do local. O cheirinho de mato e o friozinho de montanha no caminho vão anunciando o que espera o visitante à frente. Mas não evitam o choque do descompasso entre o coração acelerado pelo mundo lá fora e o silêncio que invade os portões da ecovila.

À primeira vista, o que se vê é uma casinha, em formato hexagonal, localizada no topo do morro. Sob o pôr do sol, ela parecia quase tombar no horizonte. No início do tour pelo local, que ganhou status de parque ecológico, descobre-se nas palavras do guia Niels Gudme que se trata de uma das salas onde são realizados cursos de biopsicologia. Segundo ele, quase todos os finais de semana, a ecovila recebe pessoas de diferentes formações para aprender técnicas de harmonização psíquica, física e energética. Nesse momento, a fundadora da ecovila, Susan Andrews, sussurrou:

Recebemos professores, psicólogos, mas também engenheiros, advogados, etc. Ano passado, recebemos policiais e bombeiros numa parceria com o governo de Santa Catarina. Eles são submetidos a muito estresse. O curso inteiro tem 350 horas e é realizado em fins de semana espaçados ou em semanas inteiras de imersão. Mas nem todo mundo agüenta até o final, como explicou Niels: O perfil dos alunos é muito variado e em geral as pessoas curtem até a própria adaptação ao local. Mas há aqueles que acordam no dia seguinte e vão embora, porque percebem que a vivência não é para eles. Sei lá, tem gente que tem dor de cabeça com engarrafamento e tem gente que passa mal aqui — disse Niels, piadista oficial da ecovila.

O guia é na verdade tradutor e conheceu Susan na Rio 92, quando a americana ainda não falava português. Ele foi um dos primeiros a receber o convite de Susan para ajudá-la na implantação da ecovila, e topou o desafio de mudar de vida. Entrou na empreitada com a antropóloga, quando, com patrocínio do governo da Suécia, eles tinham nas mãos apenas nove hectares de terra em Porangaba, um único alojamento com sete quartos e a ideia de transformar o lugar num modelo de desenvolvimento rural integrado, conforme a filosofia do mestre indiano PrabhatRainjanSarkar.

Quase vinte anos depois, a ecovila tem hoje cem hectares e 12 moradores, quase todos funcionários do próprio parque. Com a receita dos cursos, a ecovila mantém uma escolinha para cerca de 20 crianças da região, a partir dos três anos de idade, que têm um aprendizado muito diferente da pré-escola tradicional. Eles têm alfabetização regular, mas a partir da conotação de histórias, e do contato. Brincam em roda, aprendem lições por meio de teatro e

música, colocam a mão na terra, aprendem a relaxar, respiração profunda até a se auto-massagem.

Na linha do reaproveitamento, a ecovila faz captação de água da chuva para abastecer os sanitários e tenta reciclar lixo ao máximo. Parte da energia vêm do módulo solar e um cata-vento para energia eólica. Mas eles ainda não são auto-suficientes, nem em termos de energia, nem de alimentação. Essa é a meta para os próximos anos. Lá não se come carne, numa dieta lacto - vegetariana, e boa parte dos alimentos usados na cozinha do chef Luiz Carlos Cardoso vêm da horta cultivada com técnicas agro-ecológicas. Mas nada que tenha impedido uma suculenta lasanha com queijo e pedacinhos de brócolis no jantar. O chefe é artista plástico e também está entre os amigos de Susan convidados para fundar a ecovila. Perguntado se aceitou de primeira, ele fez uma pausa, trocou um olhar com a antropóloga e brincou: Claro que não — contou, rindo. — Dezesete anos atrás ela me perguntou. Eu disse: ‘não sei’. Vim para passar um mês, fiz minha casinha e fui ficando.

Como a maioria das construções da ecovila, a casa de Luiz tem formato hexagonal, o que, para eles, pode facilitar a circulação de energia por ser um formato mais orgânico, no lugar de quadrados ou retângulos. Mas os materiais usados na maioria das casas são comuns: cimento e cal. Com uma proposta de arquitetos ligados à bioconstrução que conheceram a ecovila por meio dos cursos, isso deve mudar. Um certo dia, durante uma entrevista, eles estavam no local, de galochas e é com as mãos na massa, montando uma espécie de showroom que servirá de mostruário para os visitantes da ecovila, como contou a arquiteta Gabrielle Astier, de 24 anos: A fundação desse showroom é de pedra sobre pedra, por encaixe, e sem cimento. Numa das paredes, colocamos tocos descartados de madeira de eucalipto com vidro quebrado. E cada parede vai receber um tipo de bioconstrução. Não é que não usemos cimento e cal, mas usamos de forma racional. O grupo está morando na ecovila por uns dias, montando a casa de bioconstrução. Ela ficará lá, assim como as outras tecnologias sociais e ambientais da ecovila.

Segundo FILIZOLA (2012). Rajadinha, DF. Projeto piloto faz mapeamento das necessidades básicas no Núcleo Rural Rajadinha, perto de Planaltina, e pretende suprir carências dos moradores, como água, cultura e educação.

Ruas esburacadas de terra batida, casas mal conservadas, falta de sinalização, esgoto a céu aberto e a falta de abastecimento de água evidenciam a pobreza e o descaso em que vivem as 420 famílias — cerca de 3 mil habitantes — residentes das unidades 1, 2 e 3 do Núcleo Rural Rajadinha. As comunidades estão localizadas a 10km do centro de Planaltina, região administrativa à qual pertencem, e a 32km do Plano Piloto. Apesar do cenário carente, algumas chácaras com infra-estrutura fogem dessa realidade. Mas, em sua maioria, a região é carente, tem uma arrecadação familiar de cerca de um salário mínimo por mês e vive a aflição de não ter voz perante os problemas que assolam o povoado.

As lideranças locais, porém, vislumbraram uma esperança com o surgimento, em março de 2011, de um projeto piloto para implementação de um novo indicador mundial denominado Felicidade Interna Bruta (FIB). As unidades 1, 2 e 3 do Núcleo Rural Rajadinha integram atualmente a lista de cinco locais brasileiros onde esse sistema de medição está em fase de testes.

Em complemento ao Produto Interno Bruto (PIB), o FIB é baseado na premissa de que o objetivo de uma sociedade não deveria ser só o crescimento econômico, mas a integração do desenvolvimento material com o psicológico. No Brasil, a metodologia está sendo desenvolvida pelos institutos Visão do Futuro, em São Paulo, e Visão Feliz, no DF.

Segundo ANDREW (1992). A coordenadora do movimento FIB no Brasil, a psicóloga Sussan, o medidor é baseado em estudos científicos, que indicam que a felicidade é influenciada por fatores como personalidade, porém mais ainda por fatores externos. “O FIB também estimula o progresso de protagonismo local, é uma forma de mobilizar a comunidade

para buscar o bem-estar coletivo. Sentimos que no Brasil a população estava desanimada. O FIB está mudando isso”, acredita.

A escolha da comunidade rural de Rajadinha teve como base o projeto Rio São Bartolomeu Vivo, desenvolvido pela Fundação Banco do Brasil. A bacia hidrográfica do rio é a que efetivamente drena a maior parte da área do Distrito Federal, cerca de 27,2% do território. Por conta de um processo intensivo de ocupação do solo, a fundação criou um projeto de reflorestamento com a população de Rajadinha. Ao conhecer o projeto, o Instituto Visão Feliz procurou a fundação e decidiu implementar o FIB naquelas comunidades. Outro pré-requisito levado em conta para a seleção foi o fato de a região ter lideranças locais fortes, por meio de grupos religiosos e associação de moradores.

O primeiro passo para a implementação do FIB em Rajadinha foi a aplicação de um questionário, feito pelos institutos em parceria com a Universidade de Brasília (UnB). Cerca de 280 famílias participaram da atividade. Por meio da pergunta: “O que falta na sua comunidade para você ser feliz?”, eles tiveram a oportunidade de identificar melhorias necessárias para garantir qualidade de vida. Os entrevistados elencaram a água tratada como prioridade. Mas a lista de reivindicações considera também cultura e lazer, educação, menos estresse e maior geração de renda para eles serem plenamente felizes. Amanda de Jesus da Silva, 19, Lucas Souza Araújo, 15, e Stênio Damacena Mendes de Souza, 17, estão entre os 10 jovens locais selecionados pelo movimento do FIB como agentes da felicidade. Além de ajudar na aplicação dos questionários, eles foram capacitados para atuarem como propagadores do tema na região. Os meninos também são membros do Comitê FIB, que inclui integrantes das associações de moradores e outros voluntários.

O grupo se reúne a cada 15 dias para acompanhar o andamento dos projetos propostos pelo movimento FIB. “Nasci aqui e vi essa comunidade crescer e sei o desenvolvimento que ela precisa. Acredito que o FIB pode trazer algo concreto”, afirma Amanda. Para Stênio, porém, a população ainda é muito resistente. “Os mais velhos não acreditam, acham que é só mais uma promessa. Meus pais mesmo acham que não vai para frente. Mas eu acredito que qualquer ajuda é bem-vinda”, avalia.

Atualmente, o Comitê FIB luta para garantir saneamento básico e abastecimento de água na região. Eles formularam um ofício para enviar à Câmara Legislativa e à Casa Civil do Governo do DF, solicitando uma audiência pública para debater o assunto. Depois de vencer essa etapa, o Comitê pretende solicitar mais lazer para a população. Atualmente, Rajadinha só dispõe de uma pequena quadra esportiva.

O FIB também estimula o progresso de protagonismo local, é uma forma de mobilizar a comunidade para buscar o bem-estar coletivo. Sentimos que no Brasil a população estava desanimada. O FIB está mudando isso.

Conforme afirma Susan Andrew, (coordenadora do Movimento FIB no Brasil. (2009).

“Os mais velhos não acreditam, acham que é só mais uma promessa. Meus pais mesmo acham que não vai para frente. Mas eu acredito que qualquer ajuda é bem-vinda”. Stênio Mendes, 17 anos, morador.

Segundo TOMAZELA (2008). Angatuba SP. A estudante Laís Sales, de 14 anos, mantém uma rotina: todo dia, antes de ir para a escola, coleta o lixo de casa e separa o material orgânico do reciclável. Sua amiga, Suélen Ferreira, de 13, faz a mesma coisa e o amigo de ambas, Diego dos Santos, de 16, ensinou o pai a fazer isso também na serralheria. Legal, mas em Angatuba, no sudoeste de São Paulo, isso não é novidade. Os 21.509 moradores separam

o lixo e entregam o reciclável a uma cooperativa. Só lixo orgânico vai para o aterro. “A gente faz porque gosta e sabe que é melhor para todos”, diz Vinícius Costa, de 15 anos. A coleta seletiva integra as ações que a cidade desenvolve para ter qualidade de vida. Outro exemplo é a medicina ayurvédica adotada na rede pública. Conhecida como a mãe da medicina, a ciência de origem indiana trata e corrige pequenos desequilíbrios para evitar que se tornem doença.

O prefeito José Emílio Lisboa, de 57 anos, que administra a cidade pela quarta vez, gosta das experiências. “Pode-se viver com qualidade de vida, em harmonia com o ambiente. Foi por causa da usina que Angatuba aderiu ao conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB). A psicóloga americana Susan Andrews, do Parque Visão Futura, ecovila espiritual auto-sustentável criada após a Eco-92 no interior de São Paulo, foi conhecer o projeto.

Os conceitos de ambiente e vida saudáveis foram levados às escolas. O estudante Vinícius, amigo de Laís, Suélen e Diego, passou a usar máscara na oficina de pintura do pai. “Fiz eles largarem de fumar”, conta. Os adolescentes são do tipo que, se vêem uma garrafa PET, abaixam e recolhem. O resultado das primeiras pesquisas de FIB no País, em que 450 moradores de Angatuba responderam aos questionários de Susan, mostrou o que já é verificável numa simples caminhada pela cidade: 89% dos participantes se consideram felizes; 89% consideram a qualidade de vida boa ou muito boa; 80% estão satisfeitos com o relacionamento familiar; 94% consideram a saúde satisfatória e 73% estão satisfeitos com a qualidade da educação dos filhos.

A pesquisa, contudo, também aponta preocupações: embora todos se digam preocupados com o ambiente, poucos o protegem e, apesar de todos se sentirem constantemente sob stress, poucos se exercitam. “Também percebemos que a maioria dedica boa parte do tempo para assistir à TV”, disse Susan.

Quem chega de fora, até estranha: a cidade é simples, até pacata, mas muito limpa e arrumada. As pessoas cumprimentam os estranhos, são solícitas, dão informações. “Sabe que aqui 100% do esgoto é coletado e tratado?”, pergunta Roseli Machado, balconista. “E não tem violência. A gente pode deixar a loja sozinha e ninguém mexe”, acrescenta a colega, Érika Vieira. Os adolescentes gostam dali, mas sabem que logo terão de sair para continuar os estudos. Laís quer fazer Biologia. “Hoje não sinto falta de nada, pois tem muita diversão e internet de graça.” A comerciante Maria de Lurdes Amaral, dona de uma loja agropecuária, considera a cidade ideal “para quem não espera coisas extraordinárias”. Duas das filhas saíram para cursar Direito e Economia na Universidade de São Paulo (USP). “Sempre que podem, voltam.”

A aposentada Jocelin Maria Pedroso, em depressão profunda, trocou os medicamentos tarja preta pelo tratamento com massagens no Centro de Atendimento Psicossocial. Ela diz que foi como se tivesse nascido de novo. “Agora posso dizer que sou feliz.”

Segundo LOES (2009). Em algum momento, todos nós já tivemos de responder a essa pergunta, feita por amigos íntimos, familiares e, às vezes, por nós mesmos. Em breve, porém, será comum ouvir essa complicada questão de recenseadores governamentais e profissionais de recursos humanos. É que a felicidade já pode ser medida e autoridades e especialistas de todo o planeta, inclusive no Brasil, estudam como transformá-la em indicador capaz de determinar políticas públicas e relações corporativas. A tendência, que põe a praticidade dos resultados financeiros em segundo plano e a complexa subjetividade do bem-estar social em primeiro, tem adeptos de peso.

Segundo LOES (2009). Vínculos fortes e tempo para o lazer são fundamentais para uma vida feliz. O presidente francês, Nicolas Sarkozy, é um deles. Em batalha contra o que chama de “culto ao mercado” e aos resultados econômicos positivos a qualquer custo, ele apoia a revisão dos indicadores que determinam o que é desenvolvimento. “Uma revolução nos

aguarda”, disse o governante, sobre a perspectiva de mudança dos referenciais que medem o progresso. Desde 2008 Sarkozy encabeça o movimento pela revisão dos parâmetros usados para medir o desenvolvimento de uma sociedade. Foi ele quem criou uma comissão com estrelas da economia, como o Prêmio Nobel de 2001, o americano Joseph Stiglitz, além de cientistas sociais e matemáticos, para avaliar as deficiências de um dos índices de desenvolvimento menos plurais, mas mais usados no mundo: o Produto Interno Bruto (PIB).

Ao final dos estudos, em setembro, chegou-se à conclusão de que o PIB, a soma de tudo que é produzido em um país durante um ano, tinha pontos cegos impossíveis de ignorar. O maior deles era medir a riqueza sem levar em conta um dos principais objetivos de vida de boa parte dos seres humanos: ser feliz e não necessariamente rico. “Alguns dos fatores que fazem a vida valer a pena não estão à venda nem podem ser contabilizados com instrumentos monetários”, concluiu Stiglitz e sua equipe no relatório final do estudo, que soma mais de 200 páginas. Mas, se o documento condena o PIB, qual índice ele propõe? Afinal, quais seriam esses “fatores que fazem a vida valer à pena”? Existe mesmo algum jeito de medi-los? A resposta está encravada entre a Índia e a China, no limite oriental das Cordilheiras do Himalaia, no reino do Butão.

Lá, em 1972, o rei JigmeSingyeWangchuck, ao assumir o trono deixado por seu falecido pai, resolveu criar um método para medir a felicidade de seus 600 mil súditos. Para isso, ele abriu o Centre for BhutanStudies e se empenhou na elaboração de um questionário que, literalmente, mediria a felicidade da população butanesa. Foi o marco zero do que viria a ser chamado de iniciativa “Gross NationalHappiness”, ou Felicidade Interna Bruta (FIB). “É um projeto bastante objetivo”, diz a senadora Marina Silva do partido verde no estado do Acre (PV-AC), um dos palestrantes na abertura da 5ª Conferência Internacional do FIB, que discute o assunto e suas aplicações no Brasil e no mundo até a segunda-feira 23 em Foz do Iguaçu, no Paraná. “Não estamos falando de sair medindo qualquer coisa de forma abstrata, romântica e subjetiva. Eles criaram um método”, diz ela. Você gosta da sua vida? Você tem perdido o sono por ansiedade? Você conversa com seus filhos? Você conhece as lendas de seu povo e a história de seus antepassados? Você recicla? Essas são algumas das mais de 270 questões organizadas em nove grandes pilares que hoje compõem o recheado questionário butanês para diagnosticar a Felicidade Interna Bruta do reino.

Segundo LOES (2009). Entusiasta Sarkozy, presidente da França, montou uma equipe de ponta para identificar os limites de índices como o PIB. Desde os anos 70, os levantamentos do FIB substituíram todas as pesquisas locais e é a partir da discussão de seus resultados que se estabelecem uma agenda pública e o ritmo dos investimentos econômicos no país. “Com exceção da renda, o questionário aborda todos os aspectos da vida do cidadão”, disse TshokeyZangmo, pesquisadora do Centre for BhutanStudies, à ISTOÉ. Mas abordar os interesses e angústias de uma população de 600 mil pessoas que vivem no Himalaia é uma coisa. De 191 milhões, como é o caso do Brasil, é outra bem diferente. É aí que entram as experiências para adaptar o índice FIB à realidade brasileira. No País, existem algumas tentativas de adequação. A empresa Icatu-Hartford, por exemplo, que vende e administra fundos de investimento e planos de previdência, foi uma das primeiras a criar uma versão do teste no Brasil. Eles montaram um questionário se baseando em quatro grandes pilares conceituais corpo, mente, bolso e mundo. “Nossa intenção não era fazer um teste definitivo de felicidade”, explica Aura Rabelo, diretora de marketing da empresa e uma das idealizadoras do projeto. Segundo ela, a ideia foi criar uma versão do teste butanês para ajudar as pessoas a repensarem suas vidas.

Segundo LOES (2009). Dinheiro investir no que dá prazer é tão relevante quanto planejar a segurança financeira para o futuro. Colocado no site da empresa, o questionário tem recebido uma média de 180 mil visitas mensais, com muitos participantes voltando para registrar a evolução de seus índices de felicidade. “Com o teste, queremos deixar uma pergunta no ar:

adianta aprender a ser um profissional eficiente e bem-sucedido se o preço disso é desaprender a ser feliz?”, teoriza Aura. De certa forma é essa mesma pergunta que a psicóloga e antropóloga americana Susan Andrews, coordenadora da Organização Não Governamental (ONG) Instituto Visão Futuro, tem feito. Com a diferença de que a instituição que ela coordena se muniu de vários instrumentos para ajudar a respondê-la. De uma ecovila em Itapetininga, no interior de São Paulo, ela comanda um exército de voluntários espalhados por empresas, universidades e centros de estudo na corrida para criar o primeiro questionário brasileiro da felicidade. Considerada a embaixadora do FIB no Brasil, Susan tem contato direto com representantes internacionais do reino de Butão e é a idealizadora da 5ª Conferência Internacional do FIB. “Nossa ideia é montar um teste completo e único para todo o País, que tenha uma margem de erro inferior a 5%”, diz Susan.

Segundo LOES (2009). Mundo. Aumentar o contato com a natureza ajuda na percepção da importância de um meio ambiente em equilíbrio. Apesar do rigor com a elaboração do questionário, a psicóloga entende que ele é apenas uma pequena parte do conceito do FIB. Para Susan, o trunfo desse tipo de medida é que ela não se esgota em um número, como acontece com o PIB. A riqueza da experiência também está na mobilização para aplicação das questões, por exemplo. “O que podia parecer secundário, que é preparar e discutir os resultados do questionário que ganhou importância durante a execução dos projetos piloto”, afirma. Até agora, Susan e sua equipe contam três projetos piloto que usaram versões preliminares do questionário e da filosofia do FIB. O primeiro e mais amplo aconteceu em um bairro periférico de Campinas, no interior de São Paulo, chamado Campo Belo I. Lá, a aplicação do teste em 439 moradores trouxe revelações inusitadas sobre a felicidade de quem vive à margem da linha de pobreza. Campo Belo não tem asfalto, rede de esgoto, lazer, nem escolas suficientes. Até recentemente, não tinha posto de saúde. Mas mesmo com tantas carências, 64% dos habitantes do bairro se consideram felizes. Por quê? Entre os fatores que explicam a satisfação estão o grau de solidariedade, o bom relacionamento entre as famílias e o alto índice de fé. “Não tenho do que reclamar”, diz Júlio Ferreira das Chagas, potiguar de 71 anos que mora há 35 em Campo Belo I com a mulher, Luiza Ismael Ferreira. Na casa clara e ampla cercada por flores em que moram, filhos e netos se reúnem para animados churrascos. E Júlio se sente satisfeito. “Fui acolhido quando me mudei, fiz a minha parte e sinto que me dei bem”, afirma. Mas não é só em ambientes como o Campo Belo I que o teste faz importantes revelações.

Distante dali e em realidade oposta organizou-se o segundo projeto de utilização do questionário FIB. Dessa vez no universo empresarial, em parceria com a indústria de cosméticos Natura. “Sabemos que quem trabalha feliz é mais produtivo, então desenvolvemos uma versão do FIB para empresas”, diz Vicente Gomes, responsável pela divulgação da vertente corporativa do conceito. Ele conta que, nessa situação, há dois FIBs testáveis o EndoFIB e ExoFIB. O primeiro trata da felicidade entre funcionários, enquanto o segundo se concentra na felicidade de quem é cliente. Na Natura, a experiência foi de EndoFIB e envolveu 50 funcionários voluntários. “Foram cinco reuniões de mais de cinco horas cada uma, realizadas durante o expediente”, lembra a ouvidora da Natura, Estelita Thiele, que participou da iniciativa.

Segundo LOES (2009). Saúde. Sentir-se bem fisicamente é essencial para estar saudável emocionalmente. Vitalidade também é felicidade. Nos primeiros três encontros, que aconteceram no mês passado, Susan explicou a proposta geral do projeto para só depois aplicar o questionário, com 72 perguntas. Hoje a Natura está em fase de debate das conclusões. “Poder medir a eficiência de valores subjetivos é muito importante para nós”, diz Marcelo Cardoso, vice-presidente da empresa. “A felicidade dos nossos colaboradores sempre foi importante, agora vamos descobrir maneiras de aumentá-la.” Segundo ele, o piloto foi tão bem que a empresa estuda a possibilidade de, já em 2010, montar uma versão da experiência

para seus seis mil colaboradores. O tipo de preocupação que Cardoso tem com seus funcionários é parecido com o que o prefeito de Itapetininga, Roberto Ramalho (PMDB-SP), parece demonstrar com seus munícipes. Foi na cidade que a terceira e última experiência do FIB no Brasil aconteceu. O exercício, fruto de parceria entre o município e o Instituto Visão Futuro, é a menina dos olhos de Ramalho. Entusiasta de índices alternativos, o executivo já havia feito uma avaliação do bem-estar da população de 150 mil habitantes de Itapetininga em 2008. Com testes baseados em 40 indicadores, distribuídos em sete categorias, ele tem usado os resultados para criar políticas públicas mais eficientes. “Quando fomos apresentados ao FIB, percebemos, de cara, que ele tinha tudo a ver com a nossa administração”, afirma Ramalho. Na cidade, o questionário foi adaptado e aplicado por adolescentes de escolas públicas em seus respectivos bairros. Cerca de 400 pessoas foram ouvidas. “Achamos que conseguimos respostas mais honestas e completas quando colocamos gente da própria comunidade para conduzir o levantamento”, explica Susan. Mas depender da comunidade para uma parte tão nevrálgica do exercício do FIB revela alguns limites do conceito.

Segundo ANDREW (1992). Ao que tudo indica, até o momento ainda não foi criada uma metodologia para aplicar o teste e discutir seus resultados em escala municipal, estadual e muito menos federal. “O FIB ainda é uma ferramenta de mobilização local”, reconhece Susan. Transportá-lo para uma escala maior exigirá um pesado investimento na capacitação de um novo tipo de recenseador, apto a perguntar o que os questionários propõem. “Estamos felizes com a relevância que o FIB ganhou”, revela Tshokey, do Centre for BhutanStudies. “Mas ainda precisamos criar um conjunto de indicadores fortes o suficiente para dar conta do diagnóstico em grandes populações.” A crise financeira que correu o mundo entre 2008 e 2009 aumentou o interesse por novos termômetros sociais e econômicos. E isso pode acelerar a adoção do FIB em larga escala. Na Universidade de Campinas (Unicamp), por exemplo, a professora de linguística aplicada Salette Aquino, vinculada ao projeto comunitário Sonha Brandão, criou uma disciplina para discutir o assunto. Ela recebeu matrículas de matemáticos, cientistas sociais e até alunos de educação física. A causa foi abraçada pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, presidida por Mohammed Habib. “Não podemos mais avaliar o progresso sem pesar seus custos ecológicos, sociais e até espirituais”, diz Habib. Ladislau Dowbord, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), faz coro. “De que adianta crescer a taxas fantásticas hoje, se amanhã esse crescimento vai comprometer não só nossa capacidade de continuar crescendo, mas também nossa capacidade de usufruir desse crescimento?”, questiona ele.

A alta na produção e seus reflexos em indicadores econômicos nem sempre são sinônimos de desenvolvimento. Dowbord lembra do emblemático caso do Alasca, em 1989, para provar sua tese. Para quem mede o desenvolvimento pelo PIB, a alta que se viu na produção do Estado americano naquele ano poderia ser entendida como sinal de vigor econômico. Longe disso. O PIB do Alasca aumentou em 1989 porque um dos maiores derramamentos de óleo do planeta aconteceu na costa do Estado e as cidades foram inundadas por trabalhadores contratados para limpar a região. O índice pode até ter aumentado, mas a que preço? A longo prazo, uma série de indústrias que dependiam do mar e das costas limpas encolheram significativamente. “Se na época a felicidade das pessoas fosse medida, teríamos um retrato bem mais fiel da realidade.” É isso que se espera do FIB, um índice que não substitui o PIB, mas o complementa de maneira imprescindível.

3.2 ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PANORAMA GLOBAL

Segundo STIGLITZ (2009). Um grupo de economistas e cientistas liderado por ele, o ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2001, acreditam que o Produto Interno Bruto (PIB) é uma ferramenta limitada para medir o progresso das sociedades, uma vez que não consegue mensurar, com eficácia, o bem-estar social de uma nação por meio dos resultados desejados em todas as suas políticas implementadas para tal fim. Ao resumir toda a atividade econômica, o PIB não faz distinção entre itens que são “custos” e itens que são “benefícios”. Se você sofrer um acidente automobilístico e colocar seu carro amassado numa oficina para fazer lanternagem, o PIB sobe. São meras aferições de todas as transações econômicas. Vale ressaltar que não são transações qualificadas eticamente. Se um país produzir equipamentos para uma guerra haverá acréscimo de seu PIB. Não surpreendentemente, esses especialistas descobriram que além de um certo nível mínimo de renda, a maior felicidade provém de fortes e abundantes conexões sociais, uma sensação de controle sobre sua vida, um trabalho significativo, boa saúde, segurança econômica básica, confiança nas outras pessoas e no governo, bem como outras oportunidades menos conectadas com remuneração monetária como o trabalho voluntário, o trabalho doméstico não remunerado e os serviços providos pelo ecossistema – essas relações o PIB não avalia.

Segundo STIGLITZ (2009). Por que o PIB é inadequado para Medir o Bem- Estar? Em primeiro lugar, assinala que o PIB é parte integrante do FIB, uma vez que o crescimento econômico de fato promove o bem-estar e a felicidade dos mais pobres. Todavia, diversas deficiências do PIB também precisam ser reconhecidas. O PIB não diz o que acontece com o cidadão comum³. E este é um problema cada vez maior, porque quando se tem uma crescente desigualdade na sociedade, pode ter um PIB subindo, como tem acontecido nos EUA, mas a maior parte das pessoas está piorando. Não é apenas a pobreza que está aumentando, mas as pessoas de renda média, 50% ou mais da população, estão com sua situação piorando. Então, este é um exemplo de uma métrica que, se quer saber o que está acontecendo com o cidadão, é muito difícil encontrar estatísticas sobre isso através dos chamados países desenvolvidos. O PIB é uma acurada métrica para se determinar tudo aquilo que é produzido e consumido através de transações monetárias. Entretanto, se algum bem for conservado e não consumido, então esse bem deixa de ser registrado como um valor. Por exemplo, um trator que está simplesmente largado numa fazenda é contabilizado como uma riqueza, e certamente uma onça pintada num campo de cerrado deve ter mais valor do que um trator, porém, sob a ótica do PIB, não é isso que ocorre. Este mede muito bem o capital produzido, mas não mede outras formas de capital e serviços, tais como aqueles providos pelo meio ambiente, humanos e sociais.

Segundo STIGLITZ (2009). A felicidade é também um bem público, porém subjetivamente sentido. A felicidade é, e deve ser, um bem público, já que todos os seres humanos almejam-na. Ela não pode ser deixada exclusivamente a cargo de dispositivos e esforços privados. Se o planejamento governamental, e portanto, as condições macro-econômicas do país, forem adversos à felicidade, esse planejamento fracassará enquanto uma meta coletiva. Os governos precisam criar condições conducentes à felicidade, na qual os esforços individuais possam ser bem sucedidos. A política pública nasce dos anseios da população e é orquestrada pelo poder executivo, nas esferas municipal, estadual e federal, sendo necessária para educar os cidadãos sobre a felicidade coletiva. As pessoas podem fazer escolhas erradas, que por sua vez, podem desviá-las da felicidade. Planejamentos de política pública corretos podem lidar com tais problemas, e reduzi-los, impedindo assim que ocorram em larga escala.

Segundo URA (2008). Presidente do Centro para os Estudos do Butão fundado pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) para formular as análises estatísticas do FIB. Ele comenta o que é o FIB na ótica do Rei JigmKhesar, no discurso de abertura.

... quaisquer que sejam as metas que tenhamos – e não importa o quanto essas metas mudem neste cambiante mundo – em última instância, sem paz, segurança, e felicidade, nada temos. Essa é a essência da filosofia da Felicidade Interna Bruta. Eu também rezo para que, enquanto for o rei de uma pequena nação no Himalaia, possa, durante o meu reinado, fazer muito para promover o maior bem-estar e felicidade de todas as pessoas neste mundo – de todos os seres sencientes.

Conforme afirma DashoKarma Ura (V Conferência Internacional do FIB, Brasil 2009).

Segundo URA (2008). O movimento mundial com relação a outros Indicadores de Progresso. Esses estudos de novas métricas descobriram que muitos países que têm populações com baixa renda percapita, tais como a Costa Rica e Colômbia, também têm altos índices de satisfação com a vida, o que levou a um grupo de pesquisadores britânicos a estabelecer o “Índice do Planeta Feliz”, que divide a satisfação com a vida por pontuação da pegada ecológica⁷. Esses pesquisadores descobriram que muitos dos assim chamados países em desenvolvimento, na verdade se situam no topo da sua lista.

Segundo URA (2008). A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) - formada por cerca de trinta dos países mais ricos do mundo - está levando cada vez mais a sério os estudos sobre o bem-estar social, e, conseqüentemente, a felicidade. Ela está buscando um conjunto totalmente novo de indicadores através do qual se possa julgar o desenvolvimento econômico dos seus países membros. Esse seu novo “Projeto Global” busca coletar as assim chamadas “melhores práticas” – políticas sociais e econômicas que claramente demonstraram o potencial de aumentar a satisfação com a vida, criando medidas mais inteligentes de melhoria de progresso. O presidente da França, Nicolas Sarkozy, aderiu ao novo paradigma. Em 2008, ele organizou uma comissão liderada pelos prêmios Nobel em Economia, os economistas Joseph Stiglitz e Amartya Sen, cujo objetivo é dar maior foco em indicadores como saúde, coesão familiar e tempo de lazer em vez da ênfase atual no PIB – medir a riqueza de forma parcial (bens e serviços).

Na província canadense de Vitória, um grupo chamado Parceiros do Índice de Felicidade de Vitória, coordenado por Michael Pennock da Colúmbia Britânica desenvolveu uma versão internacional do questionário FIB para o Ocidente. O qual Brasil está utilizando. O Governo da Tailândia, inspirado no conceito FIB, também criou o seu Índice de Progresso Nacional NicMarks, do New Economics Foundation em Londres, criou o Happy Planet Index, (Índice de Planeta Feliz) (HPI), para avaliar o quão eficientemente os países estão usando seus recursos naturais para criar uma elevada qualidade de vida. O conceito de pegada ecológica foi desenvolvido por Mathis Wackernagel e William Rees, na Universidade de Colúmbia Britânica, no Canadá. O indicador mede a demanda de uma comunidade humana nos ecossistemas, e comparando essa demanda com a capacidade da biosfera de se regenerar. Para o ano de 2005 a humanidade usava os serviços ecológicos da biosfera a uma taxa 1,3 vezes maior do que poderiam ser renovados. Índice de Programa Nacional (IPN) para acompanhar o desenvolvimento econômico nacional. As Nações Unidas desenvolveu o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – tenta medir fatores sociais como as taxas de educação, longevidade e renda. Por meio do resultado obtido determina o nível de desenvolvimento humano de cada país, estado e município. Portanto, percebe-se um movimento mundial

crecente em busca de novas alternativas de índice de desenvolvimento que retratem melhor o desempenho econômico no sentido de promover o bem-estar social e a sustentabilidade ambiental. O Brasil com adesão do Projeto FIB, acontecendo em várias cidades está entrando nessa onda de repensar o desenvolvimento econômico com equilíbrio ambiental, enquanto ainda há tempo.

Segundo URA (2008). Projetos FIB no Brasil. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD concedeu ao Instituto Visão Futuro, de São Paulo, por meio de sua representante Dr^a. Susan Andrews, a coordenação da implementação do Projeto FIB no Brasil e América do Sul. Segundo ela, o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) mostrou como um caminho viável para proporcionar o desenvolvimento sustentável no Brasil. Após um projeto-piloto inicial ministrado na cidade de Angatuba, no interior de São Paulo em 2008, dois outros projetos-piloto foram conduzidos em 2009. Um em Itapetininga – SP, e outro em Campinas-SP, o último em parceria com a Unicamp. E além desses dois projetos-piloto, um terceiro, numa versão destinada a potencializar a atuação de responsabilidade sócio ambiental no setor privado, foi desenvolvido para ser aplicado na Natura Cosméticos – a primeira empresa no mundo a trabalhar o conceito FIB empresarial. Segundo Roberto Ramalho Tavares, prefeito de Itapetininga-SP, o FIB tornou-se uma importante ferramenta de gestão de políticas públicas que promove a participação popular, mobiliza a inteligência coletiva para pensar e avaliar o bem-estar em suas múltiplas dimensões, ou seja, ser protagonista da sua própria história, conforme a legislação vigente, considerando a qualidade de vida como fator primordial. Formou-se então um grupo internacional de orientadores para o movimento FIB no Brasil, que atualmente conta com os seguintes membros: Dasho Karma Ura – Presidente do Centro dos Estudos de Butão, Dr. John Helliwell, economista e pesquisador da ciência da hedônica na Universidade da Nova Escócia, no Canadá, Michael Pennock, Diretor do Observatório para Saúde Pública do Estado de British Columbia, Canadá, Nic Marks, Fundador, New Economics Foundation, Reino Unido e criador do “Happy Planet Index”, Dr. Eric Zencey, Professor de Estudos Políticos, Universidade Estadual de Nova Iorque, EUA, Dr. Takayoshi Kusago, Professor de Desenho de Sistemas Sociais, Kansai University, Japão.

O Brasil teve a honra de sediar a V Conferência Internacional do FIB, realizada em Foz de Iguaçu-PR, em novembro de 2009. Uma rede nacional de parceiros está agora sendo formada para disseminar o conceito FIB no país, bem como as “melhores práticas” para sua implementação. Vários Estados se manifestaram o interesse de implementar o indicador FIB: São Paulo (capital), Ceará (Fortaleza), Bahia (Salvador), Minas Gerais (Belo Horizonte), Paraná (Curitiba), Mato Grosso (Cuiabá) e Goiás. O Serviço Brasileiro de Apoio à micro e Pequena Empresa (Sebrae-GO) também mostrou um grande interesse em trabalhar o conceito FIB em seus projetos de desenvolvimento local.

FIB Goiás em dezembro de 2009 criou-se o Comitê FIB Goiás, com representantes do Instituto Visão Futuro, Unipaz-GO e SEBRAE-GO, visando traçar as estratégias de implementação, prevista para o segundo semestre de 2010. Desde então, o Comitê vem se movimentando no sentido de buscar parceiras e mobilizar a comunidade local (município e empresa) e voluntários que se interessem fazer parte do projeto piloto. *O projeto piloto está estruturado em três etapas:* 1. Capacitação sobre o conceito FIB, 1º semestre de 2010 – a capacitação está focada em diversos temas como as 9 dimensões, indicadores de progresso, economia solidária e interdisciplinariedade. Nesta fase está acontecendo regularmente os encontros quinzenais por meio do grupo de estudos multidisciplinar com participação de vinte voluntários que vem aprimorando os conhecimentos e colocando em prática, em seu cotidiano, todo o aprendizado e experiência adquiridos, seja na vida profissional ou pessoal. 2. Mobilização dos municípios e empresas, 1ª quinzena de outubro de 2010 – está prevista a realização de palestra de mobilização e apresentação do projeto FIB com a coordenadora nacional Dr^a Susan Andrews, coordenado pelo SEBRAE-GO. 3.

Implementação do projeto piloto, 2º semestre de 2010 – está previsto a implementação projeto piloto FIB comunitário e FIB empresa. Portanto, é a vez do Estado de Goiás sentir o quão é possível mensurar a Felicidade Interna Bruta dos goianos.

GNH - Gross NationalHappiness, Centro de Estudos do Butão. Os indicadores FIB (Felicidade Interna Bruta) servem como ferramentas de avaliação para acompanhar os progressos de desenvolvimento em longo prazo. Tais indicadores têm como metas exibir um senso comum de propósito e oferecer àqueles responsáveis pelas políticas públicas orientação para seus programas, que deverão ser coerentes com os valores do FIB.

O FIB é gerado de modo a demonstrar cientificamente a felicidade e o bem-estar geral da população, mais precisamente no Butão e de forma mais profunda do que medidas monetárias. A medida informa tanto à população do Butão quanto ao resto do mundo os atuais níveis de satisfação humana naquele país e como eles variam entre distritos, de forma dinâmica e também trazendo informações importantes para a política governamental.

Agora, como identificar quem é feliz? Os entendimentos budistas de felicidade são muito mais amplos do que aqueles que são referidos como “felicidade” na literatura ocidental. O FIB assume aquilo que é conhecido como a “união”, a abordagem da identificação na literatura da medição multidimensional. A pessoa que conseguiu boas satisfações em todas as nove dimensões é considerada feliz.

Origem “A Felicidade Nacional Bruta é mais importante do que o Produto Interno Bruto.” – frase cunhada por Sua Majestade, autor do FIB, o quarto Rei do Butão, JigmeSingyeWangchuck HM, nos anos 70.

Coincidindo com a coroação do 5o rei do Butão, Sua Majestade JigmeKhesarNamgyelWangchuck, em novembro de 2008, o Governo Real do Butão adotou oficialmente o índice FIB. Em dezembro de 2006, ele já havia proclamado que a concretização da visão do FIB seria uma das quatro principais responsabilidades de seu reinado. Sua Majestade Rei Khesar ressaltou que o objetivo das alterações sociais, econômicas e políticas no Butão é atingir as metas do FIB.

A Constituição do Butão diz que o Estado e o Governo têm como responsabilidade utilizar o FIB. O FIB deve tornar-se um árbitro sério de políticas públicas. Enfim, o índice FIB foi desenvolvido pelo Centro de Estudos do Butão, um centro de pesquisa e de investigação não governamental e sem fins lucrativos baseado na capital do país, Thimphu.

Objetivo. Os esforços no sentido de desenvolver o índice FIB foram realizados com o objetivo de fornecer ao Butão um valioso conjunto de indicadores que possam ser utilizados na sua tomada de decisões para o desenvolvimento mais global e harmonioso de suas metas. O objetivo do FIB é uma reflexão dos valores, definição dos padrões de referência e monitoramento das políticas e dos desempenhos do país.

Conteúdo. O FIB é constituído por 72 indicadores, que cobrem nove dimensões, consideradas os principais componentes da felicidade e do bem-estar no Butão. Essas nove dimensões são igualmente ponderadas. Dentro de cada dimensão, os indicadores são igualmente ponderados, mas, como existem diferentes números de indicadores por dimensão, estes podem assumir diferentes pesos no cálculo da medida global.

As nove dimensões são:

1. Bem-estar Psicológico
2. Uso do Tempo
3. Vitalidade da Comunidade
4. Cultura

5. Saúde
6. Educação
7. Diversidade do Meio Ambiente
8. Padrão de Vida
9. Governança

Essa perspectiva de “felicidade” possui realizações suficientes para cada uma das nove dimensões.

FIB – Índices variáveis

1. INDICADORES DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO

- 1 Questionário geral sobre saúde
- 2 Frequência de orações
- 3 Frequência de meditação
- 4 Levar em conta o carma na vida cotidiana
- 5 Egoísmo
- 6 Inveja
- 7 Calma
- 8 Compaixão
- 9 Generosidade
- 10 Frustrações
- 11 Consideração de cometer suicídio

2. INDICADORES ECOLÓGICOS

- 1 Poluição dos rios
- 2 Erosão do solo
- 3 Método de eliminação de resíduos
- 4 Nomes e espécies de plantas e animais
- 5 Cercas vivas (árvores) ao redor de sua fazenda ou casa

3. INDICADORES DE SAÚDE

- 1 Autorrelatos do estado de saúde
- 2 Longo prazo de deficiência
- 3 Saúde nos últimos 30 dias
- 4 Índice de Massa Corpórea
- 5 Conhecimento sobre as formas de transmissão do vírus HIV/Aids
- 6 Tempo de amamentação exclusiva para as crianças
- 7 A distância percorrida a pé até o centro de saúde mais próximo

4. INDICADORES DE EDUCAÇÃO

- 1 Nível de educação
- 2 Taxa de alfabetização
- 3 Capacidade de compreensão
- 4 Histórico da alfabetização (conhecimento sobre lendas locais e histórias folclóricas)

5. INDICADORES CULTURAIS

- 1 Qual a primeira língua a falar
- 2 Frequência com que brinca com jogos tradicionais

- 3 Aptidão para ZorigChusum
- 4 Importância da disciplina (Drig) para as crianças
- 5 Ensinar as crianças a importância da imparcialidade para com ricos, pobres, diferente estatuto etc.
- 6 Conhecimento da máscara e de outras festas realizadas em tshechus
- 7 Importância da reciprocidade
- 8 Matar
- 9 Roubar
- 10 Mentir
- 11 Mau comportamento sexual
- 12 Quantidade de dias que reservou durante o ano para os festivais da comunidade

6. INDICADORES DE PADRÃO DE VIDA

- 1 Renda domiciliar
- 2 Renda suficiente para suprir as necessidades diárias
- 3 Insegurança alimentar
- 4 Possuir casa própria
- 5 Quantos quartos
- 6 Comprar roupas de segunda mão
- 7 Dificuldade em contribuir para as festas da comunidade
- 8 Postergar reparos urgentes e manutenção de seu ambiente familiar (casa)

7. INDICADORES DE USO DE TEMPO

- 1 Total de horas trabalhadas
- 2 Quantidade de horas de sono

8. INDICADORES DE VITALIDADE COMUNITÁRIA

- 1 Sentimento de confiança em relação aos vizinhos
- 2 Vizinhos se ajudam dentro da comunidade
- 3 Trabalho de intercâmbio com os membros da comunidade
- 4 Socialização com os amigos
- 5 Os membros de sua família realmente se cuidam entre si
- 6 Seu desejo era não fazer parte desta família
- 7 Os membros de sua família discordam muito entre si
- 8 Existe muita compreensão em sua família
- 9 Sua família tem recursos reais para lhe proporcionar conforto
- 10 Quantidade de parentes que vivem na mesma comunidade
- 11 Vítima de crime
- 12 Sentimentos de segurança com relação a danos humanos
- 13 Sentimento de inimizade na comunidade
- 14 Quantidade de dias dedicados ao voluntariado
- 15 Quantidade de doações financeiras
- 16 Disponibilidade para apoio social

9. INDICADORES DE BOA GOVERNANÇA

- 1 Performance do Governo Central em reduzir as diferenças entre ricos e pobres
- 2 Performance do Governo Central no combate à corrupção
- 3 Direito de liberdade de expressão e opinião
- 4 Não discriminação baseada em raça, sexo, religião, língua, política ou outras formas

- 5 Confiança nos Ministérios Centrais
- 6 Confiança na administração dzongkhag
- 7 Confiança na imprensa

Passo a Passo. O FIB é construído em duas etapas: identificação e agregação.

- Identificação: é calculada uma linha de corte para cada indicador, em cada uma das nove dimensões, que pode ser alvo de discussão pública. A dificuldade em estabelecer este patamar não pode inviabilizar essa medida.
- Agregação: são identificadas as lacunas da felicidade nacional.

Após ter calculado e avaliado os índices das nove dimensões, é calculado o número de pessoas que não atingiram a linha de corte em cada indicador, dividido pelo número de carências apontadas pela população. Esse número representa a contribuição percentual de falta de felicidade.

O FIB é representado por um número usado como um instrumento de política por captar uma enorme quantidade de informações interligadas. Ele é comparado:

- Entre os diferentes distritos pesquisados.
- No tempo, para checar se os seus resultados estão diminuindo ou aumentando e, assim, realizar futuros estudos.
- Por gênero, por ocupação, por faixa etária etc., fazendo um cruzamento com os diferentes distritos a fim de verificar como as deficiências irão variar conforme os pesquisados, revelando, também, em quais das nove dimensões a linha de corte é mais aguda.
- Por dimensão, monitorando a decomposição do FIB para, se necessário, diminuir qualquer dimensão.
- Por gravidade das privações, identificando se o resultado abaixo da satisfação vai se aprofundando ou diminuindo ao longo do tempo.

Resultados; Seguem algumas das conclusões do FIB no Butão:

- Os homens são usualmente mais felizes do que as mulheres.
 - Dos 12 Dzonkhags, os mais felizes são WangduePhodrang e Thimphu; os menos felizes são Gasa e Tashigang.
 - Das nove dimensões, “uso do tempo” e “boa governança” tiveram a maior frequência.
- Dicas do Gross International Happiness Project (GIH). O que é. O GIH visa desenvolver indicadores mais apropriados e inclusivos, que meçam verdadeiramente a qualidade de vida nas nações e nas organizações.

Origem. O GIH inspira-se no conceito de Felicidade Nacional Bruta (Gross National Happiness – GNH), proposto pelo rei do Butão, que coloca os indivíduos no topo da agenda de desenvolvimento nacional. Baseado na filosofia e nos valores budistas, o GIH apresenta um paradigma radicalmente diferente, capaz de oferecer verdadeira sustentabilidade.

Objetivo. O GIH visa a unir esforços internacionais na área da criação de indicadores alternativos de desenvolvimento, economia humana e psicologia da felicidade, a fim de que esforços individuais possam se beneficiar mutuamente e impactar com mais força, de forma coletiva, as agendas de desenvolvimento internacionais.

Conteúdo. O Projeto GIH consiste em uma série de conferências, seminários, pesquisas e publicações em todo o mundo. O primeiro encontro foi realizado no Butão (fevereiro de

2004), seguido por conferências na Mongólia (julho de 2004) e na Holanda (2005).

Passo a passo. O Projeto GIH é orientado por um seleto grupo de especialistas, formando uma força-tarefa, e aproveita as melhores práticas de um número crescente de países e empresas que vêm começando a implementar sustentabilidade e responsabilidade social corporativa, ao mesmo tempo em que reúne pesquisas e práticas internacionais voltadas para indicadores de desenvolvimento sustentável que levem em conta valores ambientais e sociais. O conceito de Felicidade Nacional Bruta deve incorporar esses valores, mas também os transcende, ao incluir valores que refletem o bem-estar geral em uma perspectiva mais longa e duradoura. Um possível Índice de Felicidade Nacional Bruta pode ser a próxima inovação em índices, um aperfeiçoamento dos indicadores que medem valores sociais e ambientais.

O Projeto GIH é uma colaboração entre as seguintes instituições:

- Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Butão (SDS) e Centro de Estudos Butaneses
- Spirit in Business, EUA e Holanda
- Social Venture Network Asia, Tailândia
- Icons, Redefining Progress & Implementing New Indicators on Sustainable Development, Brasil
- Inner Asia Center for Sustainable Development, Holanda
- Governo da Mongólia
- The Values Center, EUA
- Society for Ecology and Culture, Reino Unido e Ladakh, Índia
- Genuine Progress Indicators, GPI Atlantic, Canadá
- New Economics Foundation, Reino Unido

3.3 A FELICIDADE AGORA E ENCONTROS E RELATÓRIOS SOBRE O FIB

Segundo JUNIOR (2009). A felicidade é, para muitos nós, um dos principais objetivos da vida – seja na esfera profissional, pessoal ou amorosa, é isso que procuramos. No entanto, esta pode revelar-se uma procura a longo prazo, principalmente se visualizamos a felicidade como algo que vai chegar quando conseguirmos casar, comprar a casa dos nossos sonhos ou ser promovidos, nomeadamente se, em vez de ficarmos felizes com essas conquistas, começamos logo a pensar nas próximas e na felicidade que virá com essas. A felicidade acaba por ser um plano-adiado.

Segundo JUNIOR (2009). A felicidade não deve ser algo que nos vai acontecer talvez um dia, no futuro, se tudo correr bem. A felicidade deve estar aqui e agora, no presente. E se no presente não estamos rodeados por pessoas que nos alegram ou não estamos a fazer as coisas que adoramos? É preciso tomar medidas para que isso aconteça.

É essa a fórmula simples da felicidade, tomar a iniciativa de fazer aquilo que lhe faz feliz, estar com as pessoas que lhe fazem feliz, ser feliz enquanto pessoa que é. Não fique sentado à espera que a felicidade telefone ou apareça à sua porta. Vá atrás dela. Para ajudá-lo a ser pró-ativo na busca do seu caminho da felicidade, compilamos uma lista de ações que, embora não tenha de pôr em marcha todas de uma só vez, deve concretizar todas elas eventualmente. Por hoje, comece por uma ou duas.

Segundo JUNIOR (2009). Viva o presente. Não pense o quão maravilhosa a sua vida vai ser no futuro, nem fique preso no passado a pensar em tudo aquilo que aconteceu ou não. Aprenda a estar presente no momento, a viver a vida à medida que ela se desenrola, a apreciar o quão belo é o mundo... agora! Esta capacidade é crucial e basta praticar para torná-la um modo de vida. Ligue-se aos outros. Um dos caminhos certos para a felicidade é a nossa capacidade de nos ligarmos aos outros, fazendo novas amizades, cultivando as relações existentes.

Segundo JUNIOR (2009). Passe tempo com aqueles que ama. Este item pode parecer igual ao de cima e, no fundo, é uma extensão do mesmo conceito, apenas aplicado de forma mais específica. Passar tempo com as pessoas que mais ama é fundamental quando se fala na obtenção da felicidade, no entanto, é incrível o número de vezes que fazemos exatamente o oposto – isolamo-nos, criamos distâncias dos outros, deixamos os nossos relacionamentos esfriarem, passamos tempo com pessoas que até nem gostamos muito. Uma das suas grandes prioridades deve ser reservar tempo (todos os dias, todas as semanas) para estar com as pessoas mais chegadas. Se não deixar que nada interfira nestes momentos preciosos, será certamente uma pessoa mais feliz.

Faça apenas aquilo que adora. Quais são as coisas que mais adora fazer? Pense em 4 ou 5 dessas coisas, aquelas que realmente o fazem feliz e trabalhe no sentido de as tornar a base dos seus dias, eliminando tudo o resto. Esta “reorganização” da sua vida pode demorar algum tempo, pode implicar o fechar de algumas portas e diversos “nãos”, mas valerá a pena todo o esforço. Concentre-se nas coisas boas. Toda a gente tem coisas boas e coisas más nas suas vidas – se é ou não feliz depende daquilo em que se concentra mais. Perdeu o ônibus e teve de ir a pé para o trabalho? Fez exercício físico (que estava a precisar!) e pôde observar a cidade ao acordar. O seu bebe adoeceu? Felizmente é apenas uma gripe e não uma questão de vida e morte... para além do mais tem um novo bebê na sua vida! Como vê quase todas as situações têm um lado positivo e concentrar-se nas coisas positivas pode fazer toda a diferença.

Segundo JUNIOR (2009). Dedique-se a um emprego que adora. Fazer aquilo que adora também passa, naturalmente, pela esfera profissional – até porque grande parte dos nossos dias é passado nesse mundo. Já tem uma carreira pela qual é apaixonado. Então, é um sortudo e deve ser grato por toda essa sorte. Se ainda não está a fazer um trabalho que adora, uma das suas prioridades deve ser procurá-lo e orientar a sua carreira nesse sentido.

Ajude o próximo. Não há melhor sensação de alegria e bem-estar do que ajudar outra pessoa, seja com um pequeno gesto ou com uma ação do tamanho do mundo. Existem inúmeras formas de fazê-lo e nenhuma delas é difícil, ou seja, não há desculpas, apenas felicidade. Encontre tempo para a tranquilidade. Com o ritmo acelerado das nossas vidas de hoje, é difícil encontrar um momento de paz. Porém, se conseguir ter alguns minutos de silêncio e de solicitude diariamente, pode muito bem ser um dos momentos mais felizes do seu dia. Dê atenção às pequenas coisas. Em vez de ficar à espera que aconteçam eventos grandiosos – casamento, filhos, carro luxuoso, uma promoção, ganhar na loteria – procure a felicidade nas pequenas coisas que acontecem todos os dias. Pequenas coisas como desfrutar de uma deliciosa fruta no café da manhã ou de uma sobremesa deliciosa, o prazer de dar uma caminhada com a sua cara-metade ou de ler um livro ao seu filho. Saborear, diariamente, estes pequenos prazeres fará um mundo de diferença no seu caminho da felicidade.

Segundo JUNIOR (2009). Seja compassivo. Nutrir a compaixão é saber compreender e partilhar o sofrimento de alguém e, claro, ajudar a aliviar esse sofrimento. Por vezes, concentramo-nos tanto nas nossas angústias que esquecemos que as outras pessoas também têm as suas. Ao sermos compassivos com os outros, os nossos problemas podem acabar por parecer insignificantes e o sentimento de entre ajuda é inigualável. Seja grato. Um dos principais ingredientes da felicidade é sermos gratos por tudo aquilo que temos e pelas pessoas que enriqueceram as nossas vidas. O saber não ocupa lugar. Esteja sempre pronto para aprender e experimentar coisas novas – é uma excelente forma de enriquecer os nossos conhecimentos, de nos tornarmos mais sábios, mais felizes. Simplifique a sua vida. Esta ideia tem muito a ver com o descobrir das coisas que adora (ver acima) e a eliminação do supérfluo. Ao simplificar a sua vida, vai criar tempo para a felicidade e reduzir o stress e o caos do seu quotidiano. Ter um estilo de vida simples, frugal, mínimas pode ser um prazer em si próprio. Abrande. De mão dada com o “simplificar” está, sem dúvida, o “abrandar”. E abrandar não é nada mais do que um pequeno lembrete de que não tem de viver a vida a correr: marque menos afazeres na sua agenda ou então com intervalos maiores; aprenda a comer devagar, a caminhar devagar, a conduzir devagar. Os movimentos mais lentos reduzem os níveis de stress e aumentam os de prazer e ajudam-no a manter-se concentrado no presente. Exercício físico. É mais do que conhecida, a quantidade de prazer e de benefícios de saúde que advêm da prática regular de exercício físico e, embora seja difícil iniciar uma rotina deste género, uma vez conseguida, é um verdadeiro “comprimido” de felicidade, eu por exemplo gosto muito de correr. Meditação. Não precisa estar junto a um guru ou estar constantemente na posição de lótus (estar nesta posição se conseguir é melhor) – a meditação é muito mais simples e agradável do que isso, basta fechar os olhos e concentrar-se na sua respiração o máximo de tempo possível e cada dia mais você vai aprender a meditar. Praticada diariamente é uma excelente motivadora de felicidade e pode muito bem ser o seu momento do dia tranquilo.

Segundo JUNIOR (2009). Aprenda a aceitar. Este é um desafio para aquelas pessoas que querem melhorar constantemente e, pelo meio, também querem mudar o mundo: aceitar as coisas como elas são. Existem momentos na vida em que é melhor aceitar e amar o mundo tal e qual está, aceitar e amar as pessoas exatamente como elas são, em vez de tentar mudar tudo e todos. Não queremos com isto dizer que deve aceitar o que é injusto ou cruel, apenas que deve aprender a aceitar as pequenas imperfeições da vida.

Passe tempo com a Mãe Natureza. Entre as nossas casas e trabalhos, estamos cada vez mais encurralados dentro de quatro paredes, a perder a maravilha que é contactar com a natureza. Dar uma caminhada, ver o sol nascer ou pôr-se, contemplar um jardim ou ir até a praia é investir na sua felicidade. Repita sempre que possível.

Descubra os milagres da vida. Existem milagres nas coisas mais banais e nas mais inesperadas – nos nossos filhos, na bondade de um estranho, num passeio pelo campo, nas cidades ao escurecer. Descubra os milagres da sua vida e desfrute de toda essa FELICIDADE.

Segundo JUNG (1998) O conceito de individuação da teoria de Jung explica bem o processo de desenvolvimento do ser humano. Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que entendemos por ‘individualidade’ nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio “si mesmo”. Podemos portanto traduzir individualização como ‘tornar-se si-mesmo’ ou ‘o realizar-se do si

mesmo'. Com isso surge à questão do quanto o homem na pós-modernidade tem a sua individualização afetada por acontecimentos como a vida social no trabalho, a satisfação de necessidades básicas, competição, ritmo de vida acelerado, falta de tempo, stress, etc, que inevitavelmente o tornam infeliz.

Segundo LUIZ (2002) Em Torno da Felicidade. Em matéria de felicidade convém não esquecer que nos transformamos sempre naquilo que amamos. Quem se aceita como é, doando de si à vida o melhor que tem, caminha mais facilmente para ser feliz como espera ser. A nossa felicidade será naturalmente proporcional em relação à felicidade que fizermos para os outros. A alegria do próximo começa muitas vezes no sorriso que você lhe queira dar. A felicidade pode exibir-se, passear, falar e comunicar-se na vida externa, mas reside com endereço exato na consciência tranqüila.

Se você aspira a ser feliz e traz ainda consigo determinados complexos de culpa, comece a desejar a própria libertação, abraçando no trabalho em favor dos semelhantes o processo de reparação desse ou daquele dano que você haja causado em prejuízo de alguém.

Estude a si mesmo, observando que o auto-conhecimento traz humildade e sem humildade é impossível ser feliz. Amor é a força da vida e trabalho vinculado ao amor é a usina geradora da felicidade. Se você parar de se lamentar, notará que a felicidade está chamando o seu coração para vida nova. Quando o céu estiver em cinza, a derramar-se em chuva, medite na colheita farta que chegará do campo e na beleza das flores que surgirão no jardim.

Segundo MOURA(2008). A cultura do consumo que se estabeleceu nas últimas décadas associa a idéia de felicidade ao poder aquisitivo, ou seja, me torno feliz na medida em que posso comprar. Entretanto, tal afirmativa desvirtua a noção de felicidade, que por mais subjetiva e particular que possa ser, está ligada a conceitos como os de bem estar social e pessoal, qualidade ambiental e a disponibilidade e organização do tempo de cada indivíduo.

A intensidade com que avançam as ações de marketing e as inovações tecnológicas exacerba os instintos consumistas dos indivíduos, que cotidianamente se afundam em dívidas, que por vezes tornam-se impagáveis, e mesmo assim continuam a busca pelo consumo. Neste contexto aparece a violência, em duas vertentes: a da segregação que se inicia no momento em que são discriminados os grupos que podem (ou não podem ter acesso, por falta de poder econômico) ao produto lançado no mercado, e a da resposta dada pelos menos favorecidos ao serem instigados por slogans como: “só bicho não tem um Ford”, “você não pode ficar de fora”, “Homem tem que ter Pegada” entre outros.

Para uma sociedade que apresenta como mais relevante, em termos de economia, as cifras e os índices, os instrumentos utilizados para medir o seu conceito de desenvolvimento estarão intimamente relacionados ao macro e não á vida cotidiana do indivíduo.

Você já deve ter ouvido falar nestes indicadores econômicos e de desenvolvimento: PIB, IDH, PEA entre outros. São eles que apresentam o grau de desenvolvimento humano e da economia de um país, no caso do PIB a soma de todas as riquezas, de tudo aquilo que se produz. Mas, por ser um indicador econômico não apresentam, na totalidade, os índices de desenvolvimento de uma sociedade, e mesmo o indicador conhecido como IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) não contempla toda a complexidade da vida no interior de cada país.

Segundo MOURA(2008). Você conhece algo tão impessoal, voraz e desigual quanto às relações financeiras? Tome-se como exemplo a atual crise econômica que assola o mundo, desempregando inúmeros trabalhadores em nome da manutenção da apreçoada liberdade de

mercado, mesmo com a intensa intervenção do Estado, e veremos que a figura humana cede lugar aos indicadores, gráficos, tabelas e pregões de bolsas mundo afora.

Num país da Ásia, o Butão, que de fato não possui uma economia pujante, o Rei em 1972, decidiu substituir a forma de se aferir o desenvolvimento. Optando por questionar os cidadãos (com critérios sólidos, apresentados abaixo) acerca da sua qualidade de vida e associando a esta o desenvolvimento do país. Deste momento em diante passou-se a analisar o desenvolvimento não mais pelo montante do PIB (Produto Interno Bruto), mas sim pela FIB (Felicidade Interna Bruta). O que aconteceu após isto? Tornou-se público que, mesmo sem a referida pujança na sua indústria e nos demais setores da economia, as pessoas que habitam este país possuem o mais alto índice de satisfação com a vida que levam, ou melhor, são aquelas que no mundo inteiro tem a FIB mais elevada superando países como o Japão e os Estados Unidos.

Alguns, os mais ortodoxos, defensores da filosofia que aponta como bem sucedidos/felizes os que vivem para e pelo ter, apontam que a satisfação dos Butaneses se configura como “conformismo de derrotados”, por outro lado a ONU classifica as pessoas dessa nação como “as mais felizes do mundo”. Para estes fica a reflexão do pensador indiano JidduKrishnamurti: “Não é um sinal de saúde ser bem ajustado a uma sociedade profundamente doente”.

A princípio parece algo demasiado subjetivo, no gélido mundo das transações monetárias, entretanto, o que se faz em Butão, e que se tornou exemplo para a ONU, chegando também ao Brasil através de pesquisadores, acadêmicos e congressos, como o ocorrido em São Paulo no Sesc Pinheiros neste ano de 2008, é levar em consideração o sentimento de bem estar dos indivíduos no momento de se aferir o desenvolvimento da nação. Afinal, desenvolvimento pressupõe mudança e uma mudança para melhor.

Qualidade de vida, satisfação com o trabalho e com a remuneração (padrão de vida econômica), planejamento para o futuro, preocupação ambiental, acesso à cultura, à educação e à saúde de qualidade, bem estar psicológico, gerenciamento equilibrado do tempo, bons critérios de governança, entre outros são os itens avaliados para se atribuir o índice da FIB.

Segundo MOURA(2008). Diante da avaliação destes critérios, muito mais amplos que os utilizados para se aferir o PIB, podemos nos aproximar de uma humanização dos indicadores, tendo em conta que o que se espera com estes levantamentos é a melhoria da qualidade de vida das pessoas e não apenas o direcionamento dos rumos a serem tomados pelas grandes corporações. Não que estas não tenham papel importante na geração de emprego e renda, por conseguinte, de bem estar, mas, o que entendemos é que as nações não devem ter seus destinos atrelados às vontades destes grupos.

O que se espera com a “substituição” dos indicadores do PIB pelos da FIB é que nós seres humanos reencontremos a verdadeira essência daquilo que somos: indivíduos de vida comunitária, uma vida onde o único excesso seja o de viver bem e num mundo melhor. Apenas utópico para muitos, possível para outros tantos!

Segundo SANTOS (2009). Aconteceu, no dia 18/02/2009 às 20h, nas dependências da Unidade do Senac – São José do Rio Preto – SP o primeiro encontro dos integrantes do grupo de estudos para a implantação do FIB nesta cidade. A reunião foi coordenada pelo Sr. Waldyr Faria Jr., tendo sido iniciada com a apresentação de todos os presentes. Na seqüência, todos assistiram ao documentário “O homem mais feliz do Planeta”, como proposta de motivação para a tarefa que se iniciava . O Sr. Valdir Ferreira deu continuidade, falando sobre as discussões do FIB no Parque Visão de Futuro em Porangaba- SP e da sua importância para a Humanidade.

Nessa ocasião foram discutidas algumas propostas para a metodologia dos encontros e estudos do FIB em São José do Rio Preto, tendo como base a proposta apresentada pelo 1º

Ministro do Botão. Ficou evidenciada a importância de que a metodologia esteja de acordo com as características da cidade e do local onde será iniciada a sua implantação e assim surgiram idéias como: colaborar a partir daquilo que se pode dar; partir de uma pequena comunidade; trabalhar de forma a levar as pessoas a se melhorarem para assim melhorar sua qualidade de vida e chegar à felicidade; tendo como exemplo a metodologia de Desenvolvimento Local... Uma proposta que se sobressaiu foi a de começar essa atividade desenvolvendo a metodologia dentro do próprio grupo de estudos do FIB local, assim pensou-se em desenvolver uma base destacando o que seria importante ou fator de felicidade para esse grupo. Os participantes desse primeiro encontro também decidiram que será feito um estudo mais aprofundado do conteúdo apresentado no Seminário em Porangaba e a construção de uma mandala que represente as idéias do grupo. Ter sempre em mente o sentido de porque se está nessa tarefa, à noção de coletividade e de sermos críticos diante da realidade, foram pensamentos que ficaram claros e direcionaram todo o encontro desse dia.

Segundo SANTOS (2009). Foi realizado no dia 19/02/2009 com início às 20:00h e término às 22:00h, nas dependências do Senac em São José do Rio Preto, o 2º encontro do Grupo de Estudos para a implantação do FIB nesta cidade. A reunião contou com a presença de 25 pessoas das mais diversas áreas de atuação profissional. Entre os objetivos desse momento estavam: melhorar o entrosamento entre os integrantes do grupo; aprofundar o entendimento sobre o que é felicidade e como se pode ser feliz independentemente de situações de vida... O encontro foi iniciado com a apresentação do blog oficial do FIB e a divulgação da idéia de se criar um (blog) para o Grupo de São José do Rio Preto para que possa haver maior interação, tanto entre os integrantes do próprio grupo como também com grupos que estudam o FIB em outras cidades e, inclusive para que a Dra. Susan Andrews, responsável pela implantação do FIB no Brasil, possa ter acesso às informações sobre os trabalhos aqui realizados, de maneira mais atualizada.

Na seqüência, foi feita a leitura e discussão do texto: “Como ser feliz usando uma ferramenta que você já tem”, como forma de motivação e de mostrar que, de acordo com o próprio texto, “Não existe um caminho para a felicidade, a própria felicidade é o caminho”. Em seguida, o grupo foi levado a um momento de relaxamento através dos exercícios de Tikun, conduzido pela integrante Eloísa Lemos Fochi, especialista no desenvolvimento dessa atividade. Ao final desse encontro, foi solicitada a contribuição de material de estudo para a próxima reunião e também feita a comunicação da data do treinamento que acontecerá no Parque Visão do Futuro na cidade de Porangaba – SP, em 27, 28 e 29 de março de 2009, para os grupos que estão se preparando para a implantação do FIB em suas localidades. Surgiu ainda, nesse momento, o questionamento sobre o início de um trabalho prático do grupo em São José do Rio Preto, o que foi esclarecido, pelo coordenador Waldyr Faria, de que se deve aguardar a definição de um roteiro de itens que tenham as características e estejam de acordo com as necessidades da população do Brasil, ou mais precisamente do local onde será desenvolvido o trabalho; itens que serão divulgados pela coordenadora do FIB no Brasil.

Segundo SANTOS (2009). Realizou-se no dia 20/02/2009, nas dependências do Senac, o 3º encontro do Grupo de Estudos do FIB em São José do Rio Preto. Depois da apresentação, onde, de mãos dadas os participantes demonstraram o desejo de continuarem juntos nessa caminhada, o coordenador do grupo anunciou uma “surpresa” para o decorrer do encontro e, em seguida, foi lido o texto “Felicidade interna bruta”, extraído de uma reportagem da Revista Época Negócios, edição de fevereiro de 2009. Terminada a leitura do texto, iniciou-se uma

discussão sobre os pontos mais relevantes do mesmo. Nesse momento, algumas das nove dimensões abordadas pelo FIB para medir o bem-estar da população como, vitalidade comunitária, boa governança, saúde eficiente, educação de qualidade, bem estar psicológico, bom padrão de vida econômica, entre outras, foram comentadas mais profundamente, exemplificando-as com acontecimentos de realidades conhecidas.

Questões como o conceito de felicidade; em que, como ou onde a buscamos foram ressaltadas como necessárias para melhor compreensão e aplicação do FIB. Outro assunto de destaque foi à importância de se desvincular o FIB da idéia de espiritualidade com cunho religioso ou com a alegria proveniente de “conquistas externas”, o que, segundo estudiosos dos temas, são coisas completamente diferentes. Nesse contexto, surgiram questões importantes a serem pesquisadas para que se tenha uma maior compreensão do termo “felicidade como: o que é sucesso? o que é prosperidade? felicidade tem a ver com valores?. A explicação de felicidade como “sensação” e não como “sentimento”, como é amplamente colocado, também vale ser destacado como ponto relevante do encontro. Depois dessas discussões, foi apresentada a “surpresa anunciada anteriormente”: o Blog do FIB São José do Rio Preto, criado pelo Antônio Cícero, Docente de informática do Senac e integrante do Grupo do FIB SJRP, o Blog é um espaço onde os participantes podem deixar suas contribuições sobre o assunto, além de, posteriormente, interagir com outros núcleos de estudos e atividades correlacionadas em outras cidades. Depois de recebido e aprovado o “presente surpresa” para o grupo, o assunto em pauta foi o treinamento para multiplicadores do FIB no Brasil, que acontecerá no Parque Visão do Futuro, 27, 28 e 29 de março de 2009, evento muito aguardado por todos como ponto de partida para um trabalho mais efetivo nas localidades.

4 A BUSCA DA FELICIDADE

4.1 FELICIDADE NA VISÃO FILOSOFICA

O pensamento socrático influenciou a maior parte dos filósofos gregos que apresentavam suas filosofias como “mensagens de felicidade”. ANTISERI; REALI 1990p.91, e estabelecia que a felicidade, termo chamado de “eudaímonia”, significando uma vivência sob a influência de um espírito bom, idem, ibidem, p. 91, não viria das coisas exteriores nem do culto ao corpo, e nenhum destes deveria ser melhor cuidado pelo homem do que a sua alma, único meio pelo qual seria possível atingí-la.

Sócrates acreditava que uma pessoa virtuosa é feliz, entendido no sentido de que não sofreria com os males da vida nem com a morte:

[...] porque os outros podem danificar-lhe os haveres ou o corpo, mas não arruinar-lhe a harmonia interior e a ordem da alma. Nem na morte, porque, se existe um além, o virtuoso será premiado; se não existe, ele já viveu bem no aquém, ao passo que o além é como um ser no nada. Idem, ibidem, p. 92.

Aristóteles coloca a felicidade como o fim último dos atos humanos e que para se chegar a ela, é necessário viver segundo a razão. Toda a ação segundo ele, “tem como objetivo um bem qualquer, por isto tudo tende ao bem”. PINTO 2010, P. 5. havendo “coisas boas em si mesmas e coisas úteis que dependem de algo mais” Idem, ibidem p>.6.

De acordo com essa forma de se pensar esse bem proposto por Aristóteles, nem tudo poderia ser entendido como um bem em si mesmo, como por exemplo, no sentido de uma ação como roubar, o sujeito dessa ação almeja o bem que esse ato pode lhe proporcionar, à custa de um prejuízo a outrem, e esse bem especificamente relacionado a quem age é um tipo de ação que poderia levar a uma sensação de prazer, entendida por este sujeito como um caminho para a felicidade.

Questiona-se o que poderia ser uma coisa boa em si mesma e opta-se por pensá-la como algo que não poderia ser retificado de tal valor, pois traz uma utilidade inquestionável, relacionando-se assim de forma direta a tudo aquilo que garante a vida e a sobrevivência da espécie.

Para se estabelecer um caminho que solucione tal problemática a partir da filosofia aristotélica, é necessário que se tomem as virtudes por ele propostas, como forma de conjugar o que seria um bem em si mesmo, para o sujeito e para o seu meio. Propondo dois tipos de virtudes, as intelectuais e as morais. Aristóteles estabelece que, a primeira nasce e cresce por meio do ensino, e que as virtudes morais se concretizam através do hábito e não da natureza.

Contudo, pensa-se que ambas as virtudes descritas por Aristóteles como um possível caminho para uma vida digna e feliz, são frutos do ensino e do hábito. Nenhuma atividade intelectual se desenvolve naturalmente, assim como se pode observar nas virtudes morais, estabelecidas como hábitos.

O exercício seria o meio proposto por Aristóteles para se adquirir virtudes, sendo que as mesmas eram entendidas por ele como “disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões, e consiste numa mediania (...) é um meio termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta”. PINTO, 2010, p. 6. Esse meio termo proposto e usado frente às ambiguidades da vida sempre direcionam ao que é justo, à “justa medida, segundo a qual se distribuem os bens, as vantagens, os ganhos e se administra a política”. Idem, ibidem, p.7.

Outro aspecto ressaltado em direção à felicidade é a amizade, que segundo Aristóteles, “é uma virtude ou implica a uma virtude, e, além disto, é de suma necessidade na vida humana”. Idem, ibidem, p.8. Para Aristóteles a felicidade é autossuficiente e todo ser humano a busca como um fim em si mesmo, sendo, portanto, uma atividade da razão, onde o homem não se resume a ela, possuindo “algo de estranho à razão, que a ela se opõe e resiste, mas que, no entanto, participa da razão” ANTISERI; REALI 1990, p.204.

De acordo, ainda com o pensamento do autor antes citado, o homem seria capaz de dirigir seu lado impetuoso pela virtude adquirida pelo hábito, repetindo sucessivamente os atos que conduzem a uma justa medida, que “tem a ver com paixões e ações, nas quais o excesso e a falta constituem erros e são censurados, ao passo que o meio é louvado e constitui retidão”. Idem, ibidem, p. 205.

Pode-se notar ao realizar a leitura sobre sua filosofia, que Aristóteles almejava a perfeição do homem através da perfeição de sua alma racional, cunhando o termo “virtude dianoética” idem, ibidem, p. 205 para designar a sabedoria, que consiste na escolha daquilo que é bem ou que é mal para o homem e as formas que ele se utilizará para realizá-lo, e a sapiência, ou seja, o conhecimento de uma realidade superior que aproxima o homem de sua essência divina.

Exercitando sua sapiência o homem alcançaria a perfeição de sua atividade contemplativa, sendo esta, portanto, sua felicidade perfeita, uma atividade da razão que almeja um fim em si mesmo e obtém prazer por tal, auto-suficiente e que não gere cansaço.

Quando tudo isto cobre a vida do homem em toda a sua duração, sem que os aspectos que estruturam a felicidade estejam incompletos, ele possui a perfeita felicidade. “Mas uma vida desse tipo seria muito elevada para o homem: com efeito, ele não viverá assim enquanto homem, mas enquanto há nele algo de divino”. Idem, ibidem, p. 206.

A idéia de completude e de onipotência divina que se evidencia pelo discurso aristotélico como felicidade perfeita se associa a um tipo de emoção, por ele denominada prazer, que passa a ser tomada como o verdadeiro bem a ser realizado, o verdadeiro caminho para a felicidade.

A filosofia grega tem em Epicuro de Samos, outro estudioso sobre a felicidade. Tendo no prazer o bem que direciona à felicidade, o referido filósofo funda a primeira escola helenística em Atenas por volta do fim do século IV a.C., e estabelece um novo discurso que ousou revolucionar as escolas de Platão e Aristóteles, que embora estivessem próximas cronologicamente, haviam deixado de se apresentar como algo novo a dizer.

Com sua compreensão revolucionária da realidade, entende-se que Epicuro demonstra que, embora o homem tenha bens exteriores que se fazem necessários ou supérfluos, a verdadeira felicidade vem de dentro dele indicando um caminho novo para alcançá-la. À primeira vista, não seria assim uma grande novidade, visto que essa mensagem foi também exposta por Sócrates, ao enfatizar o cuidado com a alma, e por Aristóteles, ao propor a mediania e as virtudes morais.

O que há de novo no discurso epicurista, é que a felicidade estando sempre e somente no homem confere valor maior à vida material, bastando pouquíssimo para mantê-la, um pouco que proporcionaria prazer e que está disponível a todos, sendo assim todo o resto vaidade e excesso de desejos. Escolhendo um jardim no subúrbio de Atenas, afastado da vida pública e delegando grande importância ao silêncio e ao campo do qual era próximo, Epicuro dizia: “livremo-nos amplamente do cárcere das ocupações cotidianas e da política”. ANTISERI; REALI 1990>.p.248 para viver separado da multidão e da vida pública.

A política, que em si, é algo não natural, comprometeria a felicidade ao ser fundamentada em desejos de poder, fama e glória, iludindo o homem e o levando a um caminho de dores e perturbações, e assim Epicuro orientava: “retira-te para dentro de ti mesmo, sobretudo quando és constrangido a estar entre a multidão”. ANTISERI; REALI 1990p.249.

Os seguidores de Epicuro chamados de “os filósofos do jardim” passaram a ser conhecidos como os epicuristas e pregavam que a realidade é apreensível e penetrável pela inteligência humana, existindo assim espaço para a felicidade, que seria a ausência de dor e perturbação conseguidas pela autossuficiência do homem, tendo no prazer seu bem máximo. O caráter materialista da filosofia epicurista, que estabelecia essa autossuficiência, delegava uma igualdade a todos, pois a busca pela paz de espírito seria algo de comum e todos poderiam atingí-la se quisessem.

Nesse sentido o jardim comportava a todo tipo de homem que estivesse em busca de sua felicidade, não importando se era nobre ou não, bastando que soubessem retirar prazer das pequenas coisas e de que não causassem conflitos de ideias. Os epicuristas negavam toda a transcendência demarcando a fé no materialismo através de sua física epicureia, embasada na perspectiva dos atomistas pré-socráticos. A partir deste embasamento consideravam que "a alma, como todas as outras coisas, é agregado de átomos [...] Portanto, como todos os outros agregados, a alma não é eterna, e sim mortal". Idem, ibidem, p. 245.

A verdadeira felicidade, pautada no prazer, viria a ser a “ausência de dor no corpo (aponia) e a falta de perturbação da alma (ataraxia)” Idem,ibidem, p. 247, e não ao prazer desregrado que alguns difundiam em detrimento de uma razão que aprofunda as motivações e escolhas, rejeitando futilidades e prazeres fugazes que apenas trariam dores e perturbações.

Sendo assim Epicuro definiu os tipos de prazeres aos quais o homem estava submetido na vida como: (1) naturais e necessários - são os que diretamente conservam a vida como comer, beber, dormir, excluindo deste grupo o prazer do amor, atribuído como fonte de dor e perturbação; (2) naturais, mas não necessários – apenas variações do primeiro grupo como comer, beber, e vestir-se de formas mais refinadas; e (3) prazeres não naturais e não necessários – que são os prazeres fruto dos desejos humanos por poder, riquezas, glórias e luxúrias. ANTISERI; REALI 1990, p.247.

A filosofia de Epicuro enfatizando a busca do prazer e o afastamento da dor delegou ao homem à tarefa de ser feliz à maneira mais simples e natural, não temendo ou esperando a intervenção divina, sem correr riscos ambiciosos ou mesmo se envolvendo com sentimentos mais profundos como o amor.

Essa perspectiva filosófica admitia a amizade, partindo do pressuposto que o homem ao se interiorizar, se individualizava de tal forma que ele se bastava, e assim poderia estabelecer um laço livre com um outro que lhe fosse semelhante na maneira de viver. A amizade entre indivíduos que se bastam era pautada numa utilidade, almejando determinadas vantagens até que, pela utilidade se fazer de forma prazerosa, o amigo seria o maior bem que a sabedoria buscava para se alcançar uma vida feliz.

Como se pode perceber desde a antiguidade filosófica, a felicidade é transformada em um sentimento que se caracteriza como um objeto de desejo humano, sendo estabelecida como um bem alcançado pelo cuidado que o homem tem com sua alma, com as virtudes que possui e os meios que escolhe para alcançá-la, sendo, portanto, a felicidade o fim último dos atos humanos.

A idéia de completude e de onipotência que se evidencia pelo discurso aristotélico como felicidade perfeita correlacionada à idéia epicurista de felicidade pautada no prazer, estando sempre e somente no homem, podem ser estabelecidas como base de uma cultura hedonista e consumista, que demarcam as subjetividades nesta realidade do consumo.

A felicidade, pautada no prazer, como uma “ausência de dor no corpo (aponia) e a falta de perturbação da alma (ataraxia)”, serve como uma das bases para o que este estudo aponta como uma felicidade mascarada, ou seja, ilusória, forjada numa idéia de pronta e infinita. Ainda neste estudo, a busca da felicidade, correlacionada com a obtenção do prazer, a partir de alguns conceitos de Freud em correlação com a psicossociologia, é analisada sob um ponto de vista crítico, apontando algumas das incoerências que podem ser observadas na idéia de felicidade plena, que tem por base influências tanto filosóficas quanto socioculturais, fortalecidas pelos avanços da pós-modernidade e que será tratado a seguir.

4.2 FELICIDADE E O MUNDO PÓS-MODERNO

Com base na leitura realizada, denomina-se mundo, neste trabalho, como sendo o produto da inter-relação de pessoas e coisas e o meio ambiente, em constante movimento de produção e criação, de construção e desconstrução, uma realidade que se faz fluída exatamente pelo seu caráter de constante mudança RIBEIRO, 2011, p. 39. Ainda que estas mudanças sejam uma característica própria do mundo, alguns elementos constantes se evidenciam, caracterizando assim épocas que recebem um nome para situarmos o contexto sócio-histórico ao qual nos referimos.

O termo modernidade cunhado para denominar um período de transição da idade média para um novo mundo, tem sua origem na palavra “modernus”, derivado de “modo”, ou seja, a maneira ou o modelo de algo, seguindo a formatação da palavra latina “Hodiernus”, derivada de “hodie”, ou seja, “hoje”. Utilizada então para designar a diferença entre esse novo mundo e

o antigo, o “modo de hoje”, ou modernidade, passa a ser de um projeto para uma realidade cada vez mais intensa, dinâmica e acelerada. KUMAR>apud TAVARES, 2004, p. 126.

Ao período que se segue em decorrência ao moderno, chama-se costumeiramente de pós-moderno, e sugere-se pelo nome um período posterior à modernidade, sem que o mesmo caracterize-se por uma ruptura com o período ao qual é antecedido. Havendo, portanto, um processo decorrente do anterior, evidenciado especialmente na segunda metade do século XX, onde profundas transformações tecnocientíficas e sociais implicaram em mudanças paradigmáticas nas instituições que regiam a sociedade – o estado, a igreja, a família, a escola – a pós-modernidade pode ser considerada aqui como o produto do projeto moderno de globalização, que

(...) inclui processos que hibridizam – colocando culturas, formas de ser, estilos de vida, um de frente com o outro – e processos que homogeneizam – negando o local em favor de um global destituído de ambiguidade, num processo de padronização radical. MOCELLIM, 2008, p.13.

As instituições sociais - o estado, a igreja, a família, a escola – estruturadas de forma hierárquica e vertical, ou seja, tendo em uma figura de autoridade central o modelo de direção e de regência, ao perder sua solidez, perdem o ponto que demarca a orientação pela qual a cultura e a sociedade seguirão assim o espaço que disso é decorrente é preenchido de forma aleatória.

Como produto da globalização, este espaço faz surgir uma diversidade de representantes de poder e de referência e incide em uma dificuldade em se estabelecer uma figura de autoridade, uma figura representativa de uma lei que se faça concreta, estável, como representante da função paterna, DOR, 1991, o pai e sua função em psicanálise, 125p. O efeito nas identidades pós-modernas é uma “máscara” que se troca a cada novo referencial demandado. Como não há lei que não seja a de fluxo, não há um ícone concreto ao qual se identificar, pois os mesmos também estão em fluxo: é na demanda e na sua prontificação para a troca é que se estabelecem as “identidades líquidas”. MOCELLIM, 2008, p.2.

Essa nova orientação, ainda que com tal caráter de aleatoriedade implícito, não deixa de ser um consenso social, fruto da almejada liberdade buscada nas revoluções sociais a partir da década de sessenta COELHO, 1989, p. 159-176, que paradoxalmente produziram um sentimento de potência e de impotência no indivíduo. A individualização que se segue a essa liberdade, marca sentimentos de insegurança, compensados de diversas formas, sendo que as mais evidentes são a provisoriidade com que são vivenciadas as experiências, e o desaparego. BAUMAN>apud TFOUNI, SILVA, 2008, p.176.

Entende-se este desaparego, citado como uma das características deste período pós-moderno, não somente como o descompromisso com um objeto de desejo, mas como uma forma de se evitar a dor que o apego a um objeto pode causar ao se perdê-lo.

Essa descartabilidade como uma característica do desaparego, traz um mal-estar que se diversifica, servindo ao temor de ser excluído. BAUMAN>apud TFOUNI, SILVA, 2008, p.175. Paralelo a este sentimento, as relações interpessoais passam por esta característica já que quanto menos um sujeito se permite se afetar, menos apego ele sente pelo outro e sua necessidade por ele se reduz ao tipo de serventia oferecida. São tipos de relações orientadas pela mesma lógica de sustentação do mercado, ou seja, relações interpessoais mercantis e descartáveis são, portanto, relações de consumo interpessoal.

Se o outro passa a ser como os demais objetos, algo que o serve e nada mais, as pessoas passam a se consumir umas as outras, as relações de amor se distanciaram de um ideal romântico para um fluxo sexual sem compromissos, numa tentativa de garantir o máximo de

sucesso e o mínimo de fracasso. Não abrir mão do que possibilite essa via de satisfação e impedir que algo lhe sirva de obstáculo é a ética da qual se orienta o sujeito pós-moderno, em concordância com o princípio de prazer. O desprazer é relacionado à tensão devido ao acúmulo de energia (Q) e o prazer consiste na descarga desse excesso GARCIA-ROZA, 2009, p. 51.

O mais difícil então neste contexto seria alguém se pensar infeliz obtendo prazer de diversas formas. Pela lógica aí estabelecida, o coerente é se pensar feliz, pois se tem prazer no viver e a busca é sempre a mesma: Felicidade. Os caminhos é que são diversos. E frente a essa diversidade é que a felicidade às vezes se perde por causa de fantasias como a de que tudo se pode –“É proibido proibir” VELOSO, 1968, Faixa 1, de que não há limites –“tudo é melhor quando se faz o que se quer e sem limitações.

Como uma idéia que perpassa sujeito e sociedade, a ilimitação do prazer veio a se evidenciar a partir do fluxo ininterrupto de ofertas, que tanto vem através de objetos materiais – estéticos, eletroeletrônicos, automobilísticos entre vários outros – como através de papéis sociais atribuídos pelos grupos em que o indivíduo busca fazer parte.

Neste sentido, as possibilidades de se obter prazer são de tamanha diversidade que o indivíduo, muitas vezes, vê-se angustiado diante das escolhas, podendo assim que decidir por uma delas se sentir arrependido e buscar a próxima alternativa de prazer. Desta forma a cada nova tentativa de se obter prazer um novo objeto é buscado, o que de certa forma aumenta ainda mais as ofertas de promotores de prazer, ou seja, aumenta o consumo.

Considerando-se que a oferta e a demanda se inter-relacionam e são interdependentes, pode-se seguir pela mesma linha de raciocínio ao estudar o atual contexto de uma sociedade de consumo, ou seja, só há esse exarcebado consumo porque há um excesso de demanda, e esta última se mantém devido a vários fatores, como por exemplo, a descartabilidade e o desapego.

Analisando a inter-relação das pessoas e os objetos em constante movimento de produção e criação, é possível visualizar que, na pós-modernidade, a felicidade como um objeto de desejo humano, é transformada em um bem material que pode ser alcançado pela realização de determinados papéis sociais e pelo consumo de determinados objetos.

A felicidade como o fim último dos atos humanos, partindo da idéia de completude e de onipotência, ou seja, de uma felicidade perfeita e pautada no prazer, pode ser efetivamente estabelecida como base de uma cultura hedonista e consumista, onde o individualismo exagerado e o desapego nas relações interpessoais influem em um desinteresse pelos fenômenos sociais, sendo portanto, difícil neste contexto alguém se pensar infeliz obtendo prazer de diversas formas.

Podendo ser interpretada como um consenso social, essa felicidade mascarada, ou seja, alcançada por uma representação social, é uma das conseqüências do mundo pós-moderno, onde a demanda, proposta como base de sustentação social, inclui, através de um objeto material a suplência de um desejo, em um movimento cíclico de oferta e procura de objetos investidos de valor subjetivo.

Neste sentido a felicidade correlacionada com o prazer obtido no consumo e na representação social, é algo valorizado e difundido no mundo pós-moderno por meio de formas evidentes que se exemplificam pelo consumo de objetos materiais, como também por formas mais sutis que perpassam os discursos de como um sujeito deve comportar-se, vestir-se e agir para ser feliz.

4.3 FELICIDADE NA PSICANÁLISE

Uma cadeia significativa confere um sentido a uma palavra, e analogamente, uma cadeia significativa confere um sentido a um sujeito. Sendo assim, o que os sujeitos buscariam na vida ao atribuir um sentido a si e aos objetos seria

Obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos FREUD,1996,p.84.

Para Freud (1996), a felicidade consiste na satisfação casual de grandes necessidades, possível sob uma forma transitória e episódica, que não exclui da vida do sujeito adversidades, pelo contrário, reserva-lhe uma miséria comum e cotidiana, característica da condição humana que nada tem a ver com um propósito divino.

A perspectiva de Freud sobre a Felicidade parte de sua leitura em sua juventude ou mais tarde, na maturidade, de filósofos como Platão e Aristóteles, Michel de Montaigne, Schopenhauer e Nietzsche. De certa forma todos esses filósofos atribuíam à vida desafios de diversas ordens que confrontavam o homem com a frustração, sofrimento e decepção a partir do momento do nascimento, deixando cicatrizes que são impossíveis de apagar PONTY,1972>apud AC Monografia.

Frente às formas de sofrimento passa-se grande parte do tempo em busca de alívio e Freud, dividiu em três categorias os mecanismos que normalmente usa-se para alcançá-lo: desviar do sofrimento, pelo trabalho e atividade intelectual; satisfações substitutivas através da arte e entretenimento; substâncias tóxicas que minimizam ou insensibilizam à dor FREUD,1996,p.85-88.

Na visão freudiana a felicidade é um objetivo complexo visto que três fontes de insatisfação seriam contundentes na vida das pessoas: a saúde e finitude do corpo, o mundo exterior (causas naturais) e as relações interpessoais com outros, sendo esta última a mais incisiva.

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade - tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade -, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. Idem, ibidem>,p.85.

Para se obter prazer é necessário se satisfazer através de um objeto que foi investido, chamado de objeto de investimento. O objeto investido conduz à satisfação quando pode ser fruído, contudo, é uma fruição temporária, visto que tanto o objeto quanto o prazer obtido através dele, são evanescentes. O desejo, contudo, é contínuo. É necessário que haja um

objeto que seja contínuo como o desejo, que possibilite a satisfação que também deve ser contínua. Como essa idéia de ilimitação é uma ilusão, o objeto desejado nunca se fará real, então destitui-se o valor dos objetos reais pela parcialidade com que se obtém prazer através deles. [43]*Idem, ibidem*,p.317-319.

De acordo com a psicanálise a experiência de satisfação que o sujeito vivencia parte da relação entre o desprazer e o prazer que “consistem no aumento e na diminuição de tensão” INADA,2011,p.74-88, ou seja, o aumento da tensão psíquica é desprazeroso e o alívio da mesma é o prazer. Este prazer ao qual a psicanálise se refere não diz respeito somente a sensação de alívio que se experimenta na redução da tensão psíquica, ou seja, na satisfação que se obtém através do objeto investido; implica em um estado de tensão tão baixo que almeja sua própria ausência.

Esta ausência de tensão psíquica, ou seja, de desprazer, levaria o organismo de volta a um estado inanimado, sem sofrimento, o que sugere, portanto, que a própria vida traz consigo certa quantidade de desprazer. Neste sentido, Freud instaura mais uma ferida narcísica: a felicidade plena é uma ilusão. Porém, ao assinalar essa realidade ele abre a possibilidade de se encontrar uma felicidade que seja real, de acordo com a fruição momentânea que se faz pelo caráter transitório tanto do objeto quanto do prazer.

Sendo assim, parafraseando Freud, “o valor da felicidade é o valor da escassez no tempo”, já que se experimenta um prazer transitório em um objeto também transitório, não há ilusão maior do que a de querer que ambos sejam infinitos: A felicidade está em se fruir do seu prazer até que o mesmo acabe, restando apenas o desejo.>INADA,2011,p.74-88.

Fruir desse prazer se deve ao encontro com o objeto possível de realizar a descarga, e não há objeto preciso para isso: no entanto, há uma fantasia de como esse objeto possa ser para que o prazer obtido através dele seja satisfatório. O encontro com o objeto de desejo fantasiado nem sempre é possível, mas a pulsão que se presentifica sempre encontra um meio possível de descarregar: o sujeito é sempre feliz, não importando a forma como sua pulsão encontra essa felicidade libidinal. GOROSTIZA,2009,p.3.

O superego “exerce não somente uma função crítica e normativa, mas, também, revela-se como base de todo ideal humano” REIS,1984,p.52, é determinado pela cultura, mediante a força de seu impulso e da integralidade e rigidez que foi constituído, conduz o sujeito do discurso à felicidade ou infelicidade.

Considerando-se primeiro a infelicidade, mais fácil de ser percebida, pois gera desprazer, diante da frustração de seu desejo, da perda do objeto ou da finitude tanto do prazer como do objeto, o sujeito do discurso pode ser levado à infelicidade, pois não tem mais o meio de obter prazer ou que seu prazer não é eterno. Tal sentimento de perda é experimentado com tristeza, caracterizando o período de luto, porém, mediante a pressão superegógica, pode conduzir a uma culpabilização e tristeza em níveis exagerados e estendidos, caracterizando a melancolia. *FREUD,1996,p.245-263.*

Se objeto é escasso e perde o valor por isso, se o prazer é escasso e não vale ser fruído há nisso a evitação do sentimento de perda, e a melancolia decorrente. Contudo, quando há um objeto e o prazer nele obtido se presentifica, o sentido que pode ser dado ao objeto, mero meio de satisfação, se acaba com o prazer e o objeto é destituído de valor porque o valor era apenas a obtenção de descarga, que se fez e exigirá novo objeto.

Parte-se assim em busca de novo objeto e como é o desejo que impulsiona, não haverá objeto que satisfaça. Logo a busca da tão valorosa felicidade, é sem sentido e isso também recebe a intervenção superegógica. Culpa e melancolia acompanham o desejo insatisfeito: infelicidade.

O humor, então, alegre, permeia não só na comédia, modo eficaz de se obter uma parcela de prazer diante do trágico, mas em outros aspectos da vida do sujeito que o conduzem a um

real bem estar consigo, com os outros e com a realidade; ao inibir o desenvolvimento do desprazer, opera uma verdadeira transformação da energia ligada ao afeto doloroso oferecendo-lhe uma via de descarga, através das sublimações(ROUDINESCO;PLON,1998,p.748), um meio particularmente eficaz para o sujeito encontrar novos caminhos.

O seu representante mais direto, o riso, não é indicador de que seja este humor uma proveniência de bem-estar, mas pode indicar um mecanismo de defesa ao mesmo tempo em que obtém prazer: Disfarça a realidade de forma cômica, afastando o real da angústia daquele que a sente e de alguma forma às vezes projetando a idéia angustiante em um outro sujeito, que é feito de objeto do discurso humorístico, para um terceiro sujeito, um objeto de satisfação. Sem o outro que escuta, o chiste, permanece com o sujeito, auto-investidos, assim sendo, é o outro que se fazendo platéia garante o gozo. FALCÃO,2002, intersecção Psicanalítica do Brasil/PE.

Desse modo entende-se que sofrer demais é um acúmulo da tensão psíquica, vivenciada como busca da felicidade à revelia do desejo, o que de certa forma contrapõe desejo e felicidade, de acordo com esta visão. A felicidade proveniente da efetiva realização de um desejo é diferente da felicidade fruto da satisfação pulsional: A pulsão pode ser descarregada de diversas formas, quer seja pela via do sintoma, atos falhos ou pela própria atuação, e neste sentido, um sujeito pode encontrar a satisfação invariavelmente. “É por isso que, de fato, a felicidade fora da análise e a felicidade depois dela não estão em continuidade” LAURENT,2011,p.76, sendo que uma se satisfaz naturalmente em acordo com a primazia do princípio do prazer e a outra diz respeito ao remanejamento do gozo, o que confere uma forma útil para o sujeito e a sociedade, sendo este, portanto, um estado mais feliz.

O sentido de bem estar a que o homem pós-moderno está submetido enfatiza em grande maioria aspectos de ter algo, onde até mesmo a saúde e a paz de espírito são colocadas como posse: “tenho saúde, tenho paz de espírito”.

Na sociedade do hiperconsumo, a aquisição de bens passa a ser índice privilegiado de felicidade. O consumidor se satisfaz por meio do objeto de consumo “[...] sou feliz na medida em que gozo de todos os objetos que me são oferecidos!” Trata-se do aspecto imaginário da felicidade: é feliz quem tem o que têm os demais. GURGEL,2009, p, 64.

Evidencia-se que este tipo de felicidade atual é apenas o ter um objeto, qualquer que seja, embora os valores pessoais é que irão determinar que tipo de objeto seja, bem-estar hoje é aparentar-se feliz, aparentar-se bem. O aparente deve ser apresentado de acordo com o imperativo de felicidade para que o sujeito possa ser identificado como alguém que está bem, mesmo que essa sua felicidade, custe o preço de seu (real) bem-estar. Esse imperativo é demonstrado em um texto denominado: “A euforia perpétua, ensaio sobre o dever da felicidade”:

Seja Feliz! Terrível mandamento ao qual é mais difícil subtrair-se porquanto ele pretende nosso bem [...] por dever de felicidade [...] esta atribuição da euforia que relega à vergonha ou à enfermidade aqueles que não se adéquam. BRUCKNER apud GOROSTIZA, 2009, p.4.

Uma felicidade que é estabelecida a partir de uma generalidade, que exige os mais altos padrões ao mesmo tempo em que sugere que para alcançá-la o sujeito não precisa ser tão exigente consigo mesmo, traz do passado a ideia de elaborar um projeto de vida ao qual se faz por meio de estabelecimento de metas. Porém, oferece através de um fluxo ininterrupto de opções, outros caminhos, e aí, o planejamento tão importante fica circunscrito no âmbito da rigidez, enquanto a saída melhor condizente com o real é a invenção frente ao que se apresenta como novo. “O que há de mais moderno na chamada política da felicidade é a promessa de efetivação do encontro com o social e seus imperativos e a singularidade dos sujeitos”. GURGEL, 2009, p. 62.

A invenção, resultado de um penoso, porém valioso processo custa algumas vezes a comodidade na vida do sujeito, e não é raro se ouvir falar: “A gente era feliz e não sabia”. Geralmente é uma frase usada em tempos difíceis se comparados a um passado, levando a uma precipitada conclusão de que algo piorou, no sentido de que o foco é o desprazer de tal situação.

Mas se de fato era-se feliz sem saber, essa felicidade fora desmascarada por esse saber. E assim pôde em alguns casos revelar o quão duvidosa era essa felicidade frente a sua estruturação. Ao se perguntar se é feliz, o simples questionamento põe em cheque o estatuto deste saber. MILL > Apud LAURENT, 20011, p. 74. Não mais como certeza e pairando algo da ordem de um vazio, esta questão acaba por fugir de si, negando-se a uma reflexão que poderia incidir no sujeito uma desilusão: É preferível nem saber a se haver com a desilusão, pois ainda iludido, há esperança que a fantasia de completude se realize.

A busca de felicidade na vida realizada pelos seres humanos é pensada por Freud (1996), como o programa do princípio de prazer, que organiza o aparelho psíquico. Porém, de acordo com o determinante social, ser feliz, já que é algo natural, deve ser algo massificado. Temos então que o imperativo de ser feliz no social é uma espécie de epidemia, do qual cada sujeito contribui em sua manutenção, análogo a um portador de um vírus:

[...] "algumas de suas amigas (...) pegarão a crise, assim por dizer, através de uma infecção mental, e sofrerão, por sua vez, um ataque igual" (Freud, 1921/1972a, p. 135). Ou seja, refere-se a construções de ideais, que articulam narcisismo e sociedade, e referências que articulam o sujeito no laço social. FREUD apud ROSA, 2004.

Freud ‘apresenta’ o chamado “sintoma compartilhado, que pode ser considerado como precursor do sintoma social, que fornece a base das identificações históricas” ROSA, 2004, p. 333, e a partir disto considera-se que se alguém sofre pelo imperativo de ser feliz, tendo-o como gozo, prontificado a se transmutar de acordo com o que se faça necessário para permanecer aí, obtendo prazer na condição de quem o busca incessantemente, e que esta conduta é não só tida como normal, mas é a que está condizente com a vida na atualidade, que isto se trata de um sintoma social, ao qual tal felicidade só é nomeada a partir de um representante provisório, ou dito de outra forma, de uma máscara MAFFESOLI > apud TAVARES, 2004, p. 138.

Esse mesmo gozo, condição pela qual a pulsão se manifesta, permanece a um nível de não-saber, possibilitando que este desconhecimento traga algum tipo de satisfação compensatória, visto que apesar do mal-estar do indivíduo, algo se obtém. Não sabendo, portanto, que sua insatisfação é também uma substituição de seu desejo, uma outra via de manifestação pulsional, algo deve lhe proporcionar a manutenção deste não saber de si, algo

que possibilite um saber qualquer, desde que se atenha a um objeto fálico(MACHADO, 2003, p. 3).

Desta forma a felicidade se mascara, já que a pulsão se ligando a um objeto fálico todo o saber que se tem satisfaria uma ilusão de completude, ainda que ela seja associada a um mal-estar. É possível que alguns sujeitos lutem para obter algo e após conseguirem se deparem com um vazio. Aquilo que era tomado como objeto de felicidade não a realizou, pois o foco foi dado ao objeto em si e o sentimento verdadeiro, que poderia ser encontrado na verdade se distanciou.

Contudo, é preferível se contentar com tal objeto, se inscrevendo socialmente, consumindo o que os demais consomem e prestando assim um culto à ideologia do sucesso, desde que isso lhe garanta um mínimo de satisfação. O coletivo é um dos principais determinantes para isso. Ainda que marcada pelo individualismo, a subjetividade contemporânea necessita do outro, a saber, mais de sua aprovação social do que de um comprometimento de uma relação com ele.

Para se inserir socialmente, o sujeito pós-moderno apreende os novos conceitos, os novos valores que determinam o que é apreciado na pós-modernidade, ainda que a insatisfação persista em assombrá-lo, tornando-se feliz assim à revelia de sua verdade. A felicidade mascarada é o paradoxo do sujeito pós-moderno: Insatisfeito em sua constituição íntima ao mesmo tempo em que é feliz ao nível dela. Tal contradição deve ser disfarçada, por isto o sujeito se apresenta como alguém feliz da vida, gozando com seus vários objetos em uma conduta consumista e hedonista, estando então de acordo com seu social.

Mas há algo nesta fantasia de ser feliz que faz incomodar, que inquieta e que reclama sem conseguir ser claramente nomeada. A isto soma-se que com o avanço tecnocientífico, as exigências de competência passaram a um nível exarcebado onde não basta apenas saber e ser bom em algo, é preciso se destacar. A perspectiva do destaque faz com que um sujeito seja percebido em sua diferença no grupo de semelhantes, e por esta diferença, seu “valor de mercado” se amplia, assim, passando a valer mais socialmente ele passa também a ser mais exigido.

Todo o potencial criativo que o sujeito possui, que o difere do outro, é exatamente o que de mais precioso ele terá. Suas dores e angústias por mais singulares que sejam, são sob certa medida, pontos comuns, que acabam por barrar muitos sujeitos. Como pontos comuns essas dores e angústias fazem sofrer, mas é exatamente pelo potencial criativo que a saída do sofrimento se faz inventiva.

Não se trata de uma saída qualquer, de uma invenção qualquer, mas de um resultado de um sujeito que se refez em sua identidade, identificado com os traços singulares que o fazem distinto em sua forma de gozar, para conseguir maior satisfação em seu fazer. É um sujeito que, por meio da pulsão de morte(LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 407), “renasce”, refaz sua forma de estar no mundo atribuindo um outro sentido ao seu significante, ao seu objeto a, assim como uma nova forma de se relacionar com eles, além de se abrir a novas possibilidades e com isso a novos significantes.

5 O PERCURSO DA PESQUISA NAS ESCOLAS JOSÉ LEITE DE SOUZA E ESCOLA LOURDINAS, MUNICÍPIO DE MONTEIRO – PB

5.1 JUSTIFICATIVA

No contexto atual justifica-se a relevância deste trabalho, pois o homem moderno vivencia o excesso de tensão proveniente de cobranças tanto internas quanto externas. A escolha do tema visou comprovarmos ou não a relação existente entre escola do ensino público e privada, ritmo de vida, administração do tempo e felicidade. Para comprovarmos esta relação foi realizada uma pesquisa com questionário dirigida a estudantes de ambas as escolas. O objetivo desta pesquisa foi verificar se os alunos pesquisados tem o seu processo de individuação prejudicado em função das exigências das escolas e de questões da sociedade contemporânea, assim como mostrar que uma melhor administração do tempo possibilitará uma melhor qualidade de vida, ou seja, de bem-estar e educação equilibrada conforme proposto pelo FIB.

5.2 OS DADOS DAS ESCOLAS E DOS ALUNOS

Escola Estadual José Leite de Souza, localizada: na Rua; Wagner Augusto B. Japiassú nº 426, Monteiro-PB.

O Colégio Estadual de Monteiro foi criado por iniciativa pelo então Deputado Estadual Dr. Euvaldo da Silva Brito, através de um projeto lei aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado e sancionado pelo Governador do Estado Dr. Ernani Sátiro, sob o nº 5468, no dia 11.02.1972 e publicado no Diário Oficial do dia 13.2.1972.

Atual Gestora; Maria Aparecida Gomes de Lima. Hoje na Escola funciona Ensino Médio Inovador Integrada à Educação Profissional.

Figura 01

Figura 01 - Entrada e Fachada da Escola Estadual José Leite de Souza Monteiro - PB



Fonte: O Autor

Ano: 2014

Colégio Nossa Senhora de Lourdes - Lourdinhas, localizada: na Rua; Alcindo Bezerra de Menezes, nº 137, no Bairro; Centro, Monteiro-PB.

A Escola foi fundada no dia 19 de março do ano 1944, funcionava onde hoje é a secretária da paróquia.

Atual Gestora; Maria da Cruz Ribeiro. Hoje na Escola funciona Educação Básica, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Figura 02

Figura 02 - Entrada e Fachada do Colégio Nossa Senhora De Lourdes - Lourdinás - PB

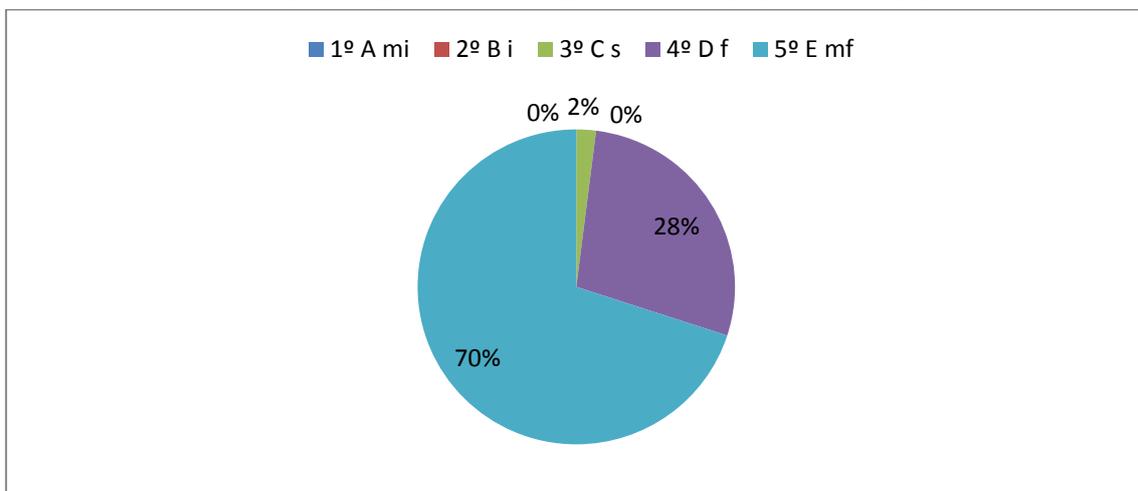


Fonte: O Autor

Ano: 2014

Gráfico 01

Percentual do Questionário Utilizado nas Escolas
Escola Estadual José Leite de Souza Monteiro- PB



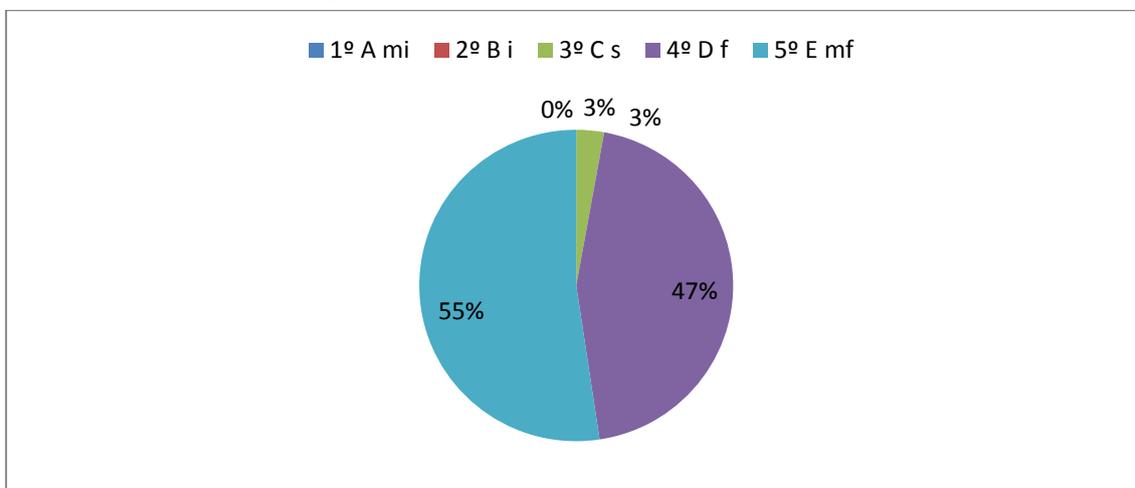
Fonte: O Autor

Ano: 2014

Como se pode ver no quadro um, obtive através do teste com 32 questões em uma escala de 0 a 128 pontos da soma total, os resultados, onde a letra 1ª A mi representa 0 ponto de 0 a 20 Muito Infeliz. Letra 2ª B i 1 ponto, de 20 a 40 Infeliz. Letra 3ª C s 2 pontos de 40 a 60 Satisfatório. Letra 4ª D f 3 pontos de 60 a 80 Feliz. 5ª E mf 4 pontos de 80 a 128 Muito Feliz. Maiores detalhes do teste veja nos anexos pagina 50. A Escola Estadual José Leite de Souza é uma escola exemplar, pois que apesar de todas as dificuldades que sabemos que o ensino publico passar no Brasil teve um maravilhoso índice diante dessa pesquisa de campo sobre o bem-estar que reflete a felicidade dos seus alunos e meio ambiente que reflete o meio escolar onde eles passa boa parte do seu tempo.

Gráfico 02

Percentual do Questionário Utilizado nas Escolas
Colégio Nossa Senhora De Lourdes - Lourdinás - PB.



Fonte: O Autor
Ano: 2014

Como se pode ver no quadro dois, obtive através do teste com 32 questões em uma escala de 0 a 128 pontos da soma total, os resultados, onde a letra 1ª A mi representa 0 ponto de 0 a 20 Muito Infeliz. Letra 2ª B i 1 ponto, de 20 a 40 Infeliz. Letra 3ª C s 2 pontos de 40 a 60 Satisfatório. Letra 4ª D f 3 pontos de 60 a 80 Feliz. 5ª E mf 4 pontos de 80 a 128 Muito Feliz. Maiores detalhes do teste veja nos anexos pagina 50. O Colégio Nossa Senhora De Lourdes - Lourdinás é uma escola também exemplar, mesmo sendo uma escola particular com todos os recursos didáticos disponíveis, sabemos também o quanto os gestores são cobrados quanto à educação dos seus alunos pelos os pais, e a escola respondeu a altura, teve também um maravilhoso índice diante dessa pesquisa de campo sobre o bem-estar que reflete a felicidade dos seus alunos e meio ambiente que reflete o meio escolar onde eles passam boa parte do seu tempo.

5.3 A DEFINIÇÃO COMO CAMPO PARA A PESQUISA

Essa pesquisa teve como proposta também fornecer alternativas para uma melhor qualidade de vida, propondo ferramentas e novos conhecimentos para que os indivíduos tenham maior consciência de si mesmos e de como vem administrando seu tempo e suas tarefas no dia a dia, proporcionando um caminho em direção ao processo de individuação. O tema FIB é novo no mundo acadêmico e pouco conhecido da sociedade em geral e, portanto, existem poucas referências bibliográficas para a pesquisa, sendo este trabalho um histórico sobre o FIB, qualitativa, foi utilizado questionário adaptado com (32) perguntas fechadas, pesquisa de campo. Os dados foram coletados e analisados para a confecção dos resultados, considerando que o questionário oficial do FIB encontra-se em processo de validação no Brasil, e é muito mais abrangente.

6 SOBRE O RESULTADOS E DISCUSSÕES DO FIB NAS ESCOLAS PESQUISADAS

Os Alunos entrevistados eram formados por um grande número de adolescentes apresentando na sua maioria as idades entre 15 a 22 anos. Diante disso obtive-se resposta satisfatórias, pois que os alunos das escolas estavam baseados no teste, felizes, e muito felizes, onde apenas nove de um total de 122 estava satisfeito, o que ainda não é ruim, pois que nem um estava infeliz, ou muito infeliz, como podemos ver nos quadros 1 e 2. Sendo assim percebo que alunos nas escolas é um bom caminho a ser seguido seja ela publica ou particular, pois que a educação é uma das peças chaves para liberta o homem da ignorância. E que testes como esse deveria ser também prioridade nas escolas para avaliar seus alunos e entende-los cada vez mais com a finalidade de se conhecer, definir, denominar, caracterizar e sugerir técnicas para o bem-estar e a felicidade individual e coletiva.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto neste trabalho, percebe-se que, para que um programa como o FIB aconteça de forma coesa, é necessário que o maior número de segmentos da sociedade participem como um todo, em favor de objetivos em comum, cada um com suas possibilidades próprias de auxílio à proposta, sendo de suma importância a participação efetiva de todos os integrantes da instituição de ensino e da comunidade.

Assim, professores, alunos e comunidade e escola devem engajar-se nos esforços do desenvolvimento de ações das nove dimensões do FIB, no desejo de contagiar, envolvendo a todos, para uma boa produção, um bom resultado, promovendo discussões e construção de conceitos de forma coletiva, visto que fatores como bem-estar psicológico, uso do tempo, vitalidade da comunidade, cultural, saúde, educação, diversidade do meio ambiente, padrão de vida, governança, estão envolvidos e somos responsáveis pela felicidade íntima e de todos. Para isso, é necessário conhecer os problemas e tentar solucioná-los de forma conjunta, inspirando a consciência de que ser feliz é preciso.

Decisões sábias dependem de avaliações precisas de todos os custos que a envolvem e os benefícios de diferentes cursos de ação para a felicidade. Alguns dados reflexivos vem logo em seguida sobre a vida e a natureza, se não levarmos em conta os serviços de sustentabilidade ecossistema entre outros como um benefício na nossa mensuração básica de bem-estar, suas perdas não poderão ser contabilizadas como um custo e nesse caso o processo de tomada de decisão do ponto de vista econômico inevitavelmente nos levará a indesejáveis e perversos resultados anti-econômicos, os quais estamos vivenciando. E nestes custos

deveriam ser incluídos proteção contra inundações e tempestades, purificação e abastecimento de água, manutenção da fertilidade do solo, polinização das plantas e regulação do clima numa escala global e local, os alunos devem a cada ano estarem mais cientes do mundo que o cerca, uma recente estimativa coloca o valor mínimo de mercado desses serviços de capital-natural em torno de 33 trilhões de dólares por ano. A natureza também tem um valor estético e moral. Nenhuma civilização poderá sobreviver à sua perda. Está na hora da humanidade, de nós acordarmos se não seremos engolidos pela ganância do “quanto-mais-melhor”. Por outro lado, trata-se de pensar sobre o resultado que se quer para a sociedade, tendo essas reflexões sobre o que é progresso - o que é bem-estar em suas múltiplas dimensões, onde queremos estar daqui a vinte, trinta anos, pois educadores plantam sementes que veremos os frutos entorno de duas ou três décadas. Esses indicadores de progresso como FIB se revela como o código genético da nossa sociedade. *“Não há algo mais salutar do que uma idéia cujo tempo chegou”*.

Pode-se concluir que o desenvolvimento deste trabalho com os alunos mesmo num pequeno grupo fez deles um pouco mais sensíveis, conscientes e multiplicadores, embora se saiba que para haver uma mudança de hábitos e de comportamentos, um projeto como este requer muito mais tempo para ser desenvolvido, além de se considerar fundamental a formação de parcerias para um melhor incentivo as escolas e obtenção de melhores resultados, com um alcance de maior amplitude.

REFERÊNCIAS

ANDREW, Susan Psicóloga e Antropóloga pela Universidade de Harvard (EUA) e doutora em Psicologia Transpessoal pela Universidade de Greenwich (EUA). Autora de mais de 12 livros (os quais foram traduzidos para 10 idiomas) sobre temas como Educação, Psicologia, Saúde, Yoga, Nutrição e Ecologia. E fundou o Parque Ecológico Visão Futuro São Paulo 1992.

ARRUDA, Marcos, As nove dimensões do FIB, São Paulo, 2008.

AC, Monografia. A felicidade e a cultura. Monografia AC. Disponível em: <<http://www.monografiaac.com.br/psicologia/felicidade-cultura.html>> Acesso em 23 de Outubro de 2011.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990, V.I.

COELHO, Cláudio N.P. Tropicália: cultura e política nos 60.1989. V.1. Artigo, Pós-Graduação do Departamento de Sociologia, FFLCH, USP, São Paulo, 1989. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol01n2/a%20tropicalia.pdf>> Acesso em 10 de Junho de 2012.

DOWBOR, Ladislau, Política de apoio ao desenvolvimento local, São Paulo, março de 2007.

DOR, Joel. O pai e sua função em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1991, 125 p.

FALCÃO, Ana Lúcia Bastos. Sobre os Chistes. Interseção Psicanalítica do Brasil. Brasília, 2002. Disponível em: < <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/art081.htm>> Acesso em 24 de Outubro de 2011.

FILIZOLA, Paulo – Correio Brasiliense Em Busca da Felicidade Publicado em 02 de maio de 2012.

FIB Felicidade Interna Bruta no Jornal O Globo – Razão Social Publicado em 10 de maio de 2012.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. A História do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Edição standard. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 245-279.

_____. Sobre a Transitoriedade. In: FREUD, Sigmund. A História do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Edição standard. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 317-319.

_____. Os arruinados pelo êxito. In: FREUD, Sigmund. A História do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Edição standard. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 331-346.

_____. O mal estar na civilização. In: O Futuro de uma ilusão, Mal estar na civilização e outros Trabalhos. Edição standard. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 67-148.

_____. O humor. In: O Futuro de uma ilusão, Mal estar na civilização e outros Trabalhos. Edição standard. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 163-169.

_____. Tipos libidinais. In: O Futuro de uma ilusão, Mal estar na civilização e outros Trabalhos. Edição standard. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 225-228.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o Inconsciente. 23ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GOROSTIZA, Leonardo. Felicidade ou Alegria: Opção Lacaniana, n.54. São Paulo: Eolia, p.3-7, Maio, 2009.

GURGEL, Iordan. Os objetos de que não preciso para ser feliz: Opção Lacaniana, n.54. São Paulo: Eolia, p.61-65, Maio, 2009.

GRAAF, John de, 5ª Conferência Internacional sobre Felicidade Interna Bruta, Foz de Iguaçu-PR, novembro de 2009.

<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/a-busca-da-felicidade-e-o-bem-estar-no-mundo-pos-moderno>.

HELVÉCIA, Heliosa A Monja e o Economista Editora Equilíbrio Publicado em 07 de junho de 2012 FOLHA DE S.PAULO.

HALL, Jon, Se você não puder medir, você não pode administrar: pessoas, progresso, persuasão, 5ª Conferência Internacional sobre Felicidade Interna Bruta, Foz de Iguaçu-PR, novembro de 2009.

INADA, Jaqueline Feltrin. Felicidade e mal-estar na civilização. Revista Digital AdVerbum 6, Jan a Jul de 2011, p. 74-88. Disponível em:
<http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf> Acesso em: 17 de Julho de 2012.

JUNIOR, Waldyr de Faria A felicidade agora. Postado por FIB São José do Rio Preto às 20:20comentários.

JUNG, Carl Gustav foi um teórico da Psicologia e “pai” da Psicologia Analítica. Basicamente, se apoiou nos estudos de Freud, mas diferiu dando outro significado a libido e introduzindo o conceito de Inconsciente Coletivo.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. 10 ed. São Paulo Martins Fontes, 2001. p.552.

LAURENT, Eric. Mentiras da felicidade. Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana. Belo Horizonte. Scriptum livros, 2011. p.71-98.

LOES, João Comportamento | Nº Edição: 2089 | 25.Nov.09 - 00:00 | Atualizado em 16.Jun.12 .

LUIZ, Andre Psicografia de Chico Xavier. Mensagem Em torno da felicidade. Editora: BUTTERFLY Ano: 2002.

Livro: Primeira Conferência sobre Felicidade Nacional Bruta, no Butão www.grossinternationalhappiness.org/downloads/Book-GNH-I-1.pdf.

MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. A segunda clínica lacaniana e o campo da saúde mental. 2003. v. 35. Doutorado em Teoria Psicanalítica pela IP/UFRJ. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Ondina_Machado_A_segunda_clinica_lacaniana_e_o_campo_da_saude_mental.pdf> Acesso em 23 de Outubro de 2011.

MOCELLIM, Alan. A questão da identidade em Giddens e Bauman. 2008.p.31. V. 5 .Tese, Pós-Graduandos em Sociologia Política - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13443/12340>> Acesso em: 24 de maio de 2012.

MOON, Ban Ki secretário-geral da ONU (organização das nações unidas), oficialmente em 1 de janeiro 2007

MOREIRA, Rafael O autor é professor da Cooperativa Educacional de Itabuna, Artigo Do PIB a FIB (Felicidade Interna Bruta): uma mudança de indicadores.

Metodologia;<http://grossnationalhappiness.com/screeningTools/screeningTools.aspx>
www.grossinternationalhappiness.org

PINTO, Elias Fernandes. A ética aristotélica: o caminho para a felicidade completa. Revista Filosofia Capital, Brasília, vol. 5, n. 11, p. 03-12, jul.2010. Disponível em: <<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/132>>. Acesso em 16 de Agosto de 2011.

PENTEADO, Hugo <http://felicidadeinternabruta.blogspot.com/> Nosso futuro comum. Relatório sobre a Conferência sobre Felicidade Nacional Bruta, realizada entre 18 e 20 de fevereiro de 2004, no Butão. Um projeto internacional de pesquisa e diálogo visando ao desenvolvimento de políticas e indicadores voltados para valores reais, desenvolvimento sustentável e bem-estar para nações e organizações. www.grossinternationalhappiness.org/downloads/GIH_report_18-2-04.doc

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Conceito de mundo e de pessoa em Gestal-terapia:revisitando o caminho.São Paulo: Summus, 2011,125p.

ROSA, Mirian Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica: Revista mal-estar e subjetividade.Fortaleza,V. IV,N. 2,Setembro.2004,p.329–348.Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n2/08.pdf>> Acesso em 23 de Outubro de 2011.

ROSA, Maria. Psicanálise aplicada à saúde mental. Cartas de psicanálise.Ipatinga: Ano I, vol. I, n.I, p.14-17.

ROUDINESCO; PLON. Dicionário de Psicanálise.1ª ed. Zahar,1998, p.888.Disponível em: <http://www.4shared.com/document/D8q3qpwP/ROUDINESCO_Elisabeth_PLON_Mich.html?cau2=403tNull> Acesso em 07 de Outubro de 2011.

REIS, Alberto O.A; MAGALHÃES, Lúcia M. A.; GONÇALVES, Waldir Lourenço. Narcisismo. In: REIS, Alberto O. A.; MAGALHÃES, Lúcia M. A.; GONÇALVES, Waldir Lourenço.Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung. São Paulo: EPU, 1984. p.42-46.

STIGLITZ, Joseph, Problemas do PIB como um Barômetro Econômetro. New York Times, 2009.

SANTOS, Maria Aparecida. Ata regida sobre Relatório do 1º encontro dos integrantes do Grupo de Estudos do FIB de São José do Rio Preto - SP. Quarta-feira 18 de fevereiro de 2009 Postado por FIB São José do Rio Preto.

SANTOS, Maria Aparecida. Ata regida sobre Relatório do 2º Encontro do Grupo de Estudos do FIB em São José do Rio Preto - SP quinta-feira, 19 de fevereiro de 2009 Postado por FIB São José do Rio Preto.

SANTOS, Maria Aparecida. Ata regida sobre Relatório do 3º Encontro do Grupo de Estudos do FIB em São José do Rio Preto – SP. sexta-feira, 20 de fevereiro de 2009. Livros:

Inteligência Espiritual - Ian Marshall e DanahZohar (Ed. Record) O que nos faz felizes - Daniel Gilbert.

Site: www.felicidadeinternabruta.org.br

TAVARES, Fred. O consumo na pós-modernidade: Uma perspectiva psicossociológica. *Comum*. Rio de Janeiro, vol. 9, n.22, p. 122-143, janeiro/junho de 2004. Disponível em: < <http://www.fredtavares.com.br/resumos.htm#comum22> > Acesso em 23 de Outubro de 2011.

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani; SILVA, Nice da. A modernidade Líquida: O sujeito e a interface com o fantasma. *Revista Mal-estar e Subjetividade*– Fortaleza – Vol. VIII – Nº 1 – p. 171-194 – mar/2008. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/271/27180109.pdf> > Acesso em 23 de Outubro de 2011.

TOMAZELA, José Maria, matéria publicada no jornal “o estado de são paulo” em novembro de 2008

THINLEY, Jigmi, Discurso de Abertura do Primeiro Ministro do Butão - 5ª Conferência Internacional sobre Felicidade Interna Bruta, Foz de Iguaçu-PR, novembro de 2009

URA, DashoKarma, Artigo: Felicidade Interna Bruta – 1ª Conferência Nacional do FIB – São Paulo, 2008. E V Conferência Internacional do FIB, Brasil 2009.

VELOSO. "É proibido proibir". C. Veloso (compositor). In: *Ao vivo Caetano e Mutantes*. São Paulo: Philips, 1968. Faixa 1.

ZENCEY, Eric, G.D.P. R.I.P. (PIB - Descanse em Paz). Editorial no jornal *New York Times*, 10 de agosto de 2009.

APÊNDICE

Instrumento de Coleta de Dados

Esta pesquisa é requisito para a conclusão do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista e tem como objetivo conhecer as dificuldades encontradas na prática e atender as necessidades dos alunos e a melhoria de seu bem estar.

Curso de Especialização Fundamentos da Educação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares

Pesquisa sobre uso da Felicidade Interna Bruta – FIB

Caro Aluno (a),

Este questionário faz parte de um processo mais amplo de avaliação sobre o uso da Felicidade Interna Bruta – FIB e seus indicadores, e tem em vista a melhoria das condições de ensino e de aprendizagem das disciplinas.

As perguntas listadas abaixo servirão somente para fins de pesquisa, e você não está sendo avaliado (a). Em nenhum momento suas respostas serão julgadas como certas ou erradas.

Para responder ao questionário, reflita sobre o uso desta ferramenta nas suas aulas na Educação Básica, não deixe resposta em branco, se tiver alguma dúvida em responder pergunte-me.

Agradecemos a sua contribuição!

ANEXOS

QUESTIONÁRIO APLICADO

- 1- Você pratica exercícios físicos?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 2- Alimenta-se bem?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 3- Tem boa saúde?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 4- Considera-se bem remunerado?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 5- Costuma alcançar as metas estipulados?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 6- Gosta do trabalho que faz?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 7- Dorme bem?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 8- Estar satisfeito com sua aparência?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 9- Acorda bem disposto?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 10- É reconhecido por suas qualidades?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 11- Tem uma vida confortável?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 12- Controla o seu orçamento?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 13- Votar pra casa com a sensação de dever cumprido?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 14- Consegue poupar?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 15- Traça objetivos para o futuro?
() (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
- 16- Compra as coisas que deseja?

- () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 17- Vê o lado bom das coisas?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 18- Aprende com os seus erros?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 19- Saber lidar com suas emoções?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 20- Administra bem o tempo?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 21- Costuma valorizar as coisas simples da vida?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 22- Aproveita as oportunidades quando são apresentadas?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 23- Saber equilibrar vida profissional com vida pessoal?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 24- Estar satisfeito com sua relação afetiva?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 25- Compartilha conhecimento?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 26- Encontra amigos e familiar com frequência?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 27- Orgulha-se do caminho que traçou até agora?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 28- Ajuda a comunidade?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 29- Exerce seus direitos e deveres?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 30- Costuma ter contato com a natureza?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 31- Respeita as diferenças?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre
 32- Reflete a preocupação com o futuro do planeta em atitudes do cotidiano?
 () (A) Nunca () (B) Raramente () (C) Às vezes () (D) Bastante () (E) Sempre

RESULTADO

A - 0 Ponto 0 - 20 Muito Infeliz

B -1 Ponto 20 – 40 Infeliz

C -2 Ponto 40 – 60 Satisfeito

D -3 Ponto 60 – 80 Feliz

E - 4 Ponto 80 0 128 Muito Feliz

Fazer a soma das 32 questões para se obter o resultado

Fonte: http://www.iepes.com.br/web/Testes/Pesquisa_23.php
(2009)